

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**ANÁLISE MIDIÁTICA DA PRIMAVERA ÁRABE:
O Jornalismo Ocidental e o Oriente**

DIEGO GEBARA FALLAH

RIO DE JANEIRO
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**ANÁLISE MIDIÁTICA DA PRIMAVERA ÁRABE:
O Jornalismo Ocidental e o Oriente**

Monografia submetida à Banca de Graduação como
requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

DIEGO GEBARA FALLAH

Orientadora: Profa. Liv Rebecca Sovik

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Análise Midiática da Primavera Árabe: O Jornalismo Ocidental e o Oriente**, elaborada por Diego Gebara Fallah.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Liv Rebecca Sovik
Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes - USP
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Cristina Rego Monteiro da Luz
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Ilana Strozemberg
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

GEBARA, Diego.

Análise Midiática da Primavera Árabe: O Jornalismo Ocidental e o Oriente. Rio de Janeiro, 2013.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Agradecimentos

Aos meus pais e irmãos, sempre do meu lado.

À minha avó Viviane, pela cultura e o amor.

À Mireille, pelas tortas de limão e pelos sorrisos.

Às minhas tias e primos, por serem, realmente, uma família.

Aos amigos que sempre me deram motivos para achar que aquela história de que amigo não é família, é uma grande mentira.

À Liv Sovik, pelo conhecimento e paciência.

À todos os meus professores da Escola de Comunicação da UFRJ, que fizeram da minha formação acadêmica uma experiência inesquecível.

Para os meus pais.

GEBARA, Diego. **Análise Midiática da Primavera Árabe: O Jornalismo Ocidental e o Oriente.** Orientadora: Liv Sovik. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho faz uma análise da cobertura jornalística ocidental da Primavera Árabe. Analisando diferentes jornais e revistas da França, do Brasil e dos Estados Unidos, procura-se apontar para os fatores que influenciaram esses relatos, sejam eles políticos, estruturais ou humanos. Dessa forma, explora-se o momento atual do jornalismo internacional no Ocidente, desvendando sua contribuição tanto para a manutenção, quanto para o questionamento de diversos estereótipos e preconceções existentes sobre as sociedades árabes.

Sumário

1. Introdução.....	1
2. Análise Midiática da Primavera Árabe.....	5
2.1. Os Grandes Jornais da França.....	5
2.2. Editoriais Franceses Sobre a Queda de Hosni Mubarak.....	7
2.3. Reportagens Francesas Sobre a Queda de Hosni Mubarak.....	13
2.4. <i>Libération</i>	14
2.5. <i>Le Monde</i>	16
2.6. <i>Le Figaro</i>	23
2.7. Estados Unidos: <i>Time Magazine</i>	28
2.8. Brasil: <i>O Globo</i> e <i>Veja</i>	33
3. Contexto Histórico da Primavera Árabe.....	39
3.1. O Ocidente e o Outro.....	39
3.2. A Evolução dos Estereótipos Árabes.....	42
4. Conclusão.....	47
Referências Bibliográficas.....	49
Anexo.....	52

1. - Introdução

Ao analisarmos diferentes coberturas jornalísticas de um mesmo evento, comparando conteúdos, contextualizando opiniões e investigando os recursos utilizados para a produção de notícias e artigos, podemos descobrir diversos interesses e questões estruturais que influenciam o jornalismo global. Para essa análise se tornar ainda mais produtiva, escolher um evento único, que configure um verdadeiro desafio para os profissionais da área é essencial. Quanto mais distante, inesperado e envolto de questões complexas for esse acontecimento, maior a dificuldade para o trabalho dos jornalistas, o que pode revelar fraquezas, incoerências e parcialidades mais facilmente. Baseando-se nisso, o conteúdo jornalístico gerado pela mídia ocidental durante a Primavera Árabe foi o escolhido para ser analisado.

A Primavera Árabe é uma série de revoltas e revoluções populares que se alastraram por países do norte da África e do Oriente Médio a partir de dezembro de 2010. A corrupção, a crise econômica e, principalmente, a falta de democracia, foram os motores desse movimento, recebido com muita surpresa em diversas partes do mundo. Os fatos, multidões heterogêneas protestando contra a opressão, iam de encontro ao senso comum ocidental, que nas últimas décadas separou, cada vez mais, a cultura árabe de valores como liberdade e igualdade. Por isso, os meios de comunicação ocidentais tiveram que lidar com a consternação inicial para tentar explicar os possíveis significados, objetivos e especular sobre o futuro desse movimento.

A magnitude crescente dos protestos, a grande relevância política dos países árabes e as dificuldades encontradas para a total compreensão dos fatos foram cruciais para que as manifestações permanecessem nas capas de revistas e jornais durante vários meses. Em 11 de fevereiro de 2011, Hosni Mubarak, que estava há mais de 30 anos no poder no Egito, saiu de cena após dezoito dias de manifestações maciças em todo o país. Não havia mais dúvidas quanto à importância histórica dos protestos: o Egito, uma das maiores nações árabes e pilar fundamental da influência ocidental na região, tinha um futuro incerto.

Nas capas dos jornais ocidentais, manchetes celebrando a conquista do povo, editoriais questionando o futuro do país e especialistas alarmados com a possibilidade de um governo radical assumir o controle compartilhavam o mesmo espaço. Um enorme volume de material sobre o ocorrido, abordando diversas questões envolvendo o Ocidente e o Oriente,

foi publicado em diferentes meios de comunicação. Na França, país que tem uma relação histórica muito forte com os países do norte da África e do Oriente Médio, não foi diferente.

Assim, os três maiores diários franceses: *Libération*, de esquerda, *Le Monde*, de centro-esquerda e *Le Figaro*, de direita, dedicaram uma boa parcela de suas edições impressas e de suas páginas na Internet à cobertura da queda de Mubarak no Egito. O pluralismo ideológico do jornalismo da França, que se reflete nas coberturas desses jornais, permite comparar similaridades e diferenças de diversas percepções ocidentais sobre a Primavera Árabe e seus protagonistas.

A análise permite tanto uma reflexão sobre a representação dos árabes em diversos setores da mídia ocidental, quanto a comparação entre os interesses que ditam as opiniões presentes em cada um desses setores. Já a união dessas duas possibilidades pode revelar como o significado de liberdade, tirania e democracia, essenciais para os relatos envolvendo a Primavera Árabe, podem assumir diferentes definições, se atrelando, por exemplo, a discursos já consagrados sobre o Ocidente.

A liberdade é, muitas vezes, considerada incompatível com as sociedades árabes, por causa da situação das mulheres e das liberdades individuais na região. A democracia é questionada pelo Ocidente, por causa do medo de um governo radical assumir o poder por meio de eleições legítimas. O mesmo acontece com a tirania, relativizada, contanto que os ditadores aceitem atender aos interesses ocidentais. Isso dificulta uma cobertura jornalística mais factual e imparcial, que tente ir além dos conceitos pré-existentes no Ocidente em nome de tentar compreender como paradigmas estão sendo quebrados no Oriente por meio das manifestações.

Além do conteúdo, uma análise mais estrutural das reportagens e artigos também é necessária para a total compreensão dos interesses que movem os jornalistas nas diferentes coberturas analisadas. Nesse caso, é importante investigar os jornalistas e especialistas selecionados para escreverem sobre os fatos, como essa escolha é feita e quais os recursos utilizados para a produção das notícias e artigos.

Dessa forma, pode-se delinear como diversas características e preocupações dos meios de comunicação ocidentais, envolvendo fatores econômicos, políticos, desenvolvimento tecnológico e mudanças de hábitos de consumo afetam suas linhas editoriais e, conseqüentemente, a cobertura complexa de grandes eventos como a Primavera Árabe. Além da análise dos artigos e da análise estrutural, o depoimento de Lamia Oulalou,

correspondente internacional do jornal francês *Le Figaro* na América Latina, vai ajudar a compreensão do funcionamento da imprensa francesa.

Apesar de privilegiar o jornalismo francês, a análise pontual de meios de comunicação de outros países ocidentais possibilita maior contextualização e abrangência do debate. Uma opção óbvia para compor esse conjunto são os Estados Unidos, por causa da relevância que possui na cultura ocidental e, ultimamente, na política do Mundo Árabe. Já o Brasil, país onde esses acontecimentos possuem menor relevância política, entra na análise por ser um jornalismo muito familiar ao autor, permitindo o desenvolvimento de uma análise mais próxima da realidade que envolve esse trabalho. No caso da mídia brasileira, vamos focar a análise no mesmo momento em que focamos a análise da mídia francesa: a queda de Mubarak no Egito. Dessa forma, podemos identificar como a grande mídia brasileira, com um pluralismo ideológico bem menor do que a francesa, reflete esse momento.

Enquanto, no caso do jornalismo francês, a análise se preocupa em capturar uma visão mais completa das diferentes linhas editoriais dos meios de comunicação do país, no caso de Estados Unidos e Brasil, privilegiam-se jornais e revistas com maiores tiragens e, conseqüentemente, maior número de leitores, possibilitando uma análise parcial, porém suficiente para capturarmos os principais enfoques dados à Primavera Árabe na grande mídia desses países. Dessa forma, justificam-se as escolhas da revista de maior circulação no Brasil, *Veja*, e um dos mais importantes jornais de circulação nacional, *O Globo*, para representar o país latino-americano. Enquanto isso, a revista *Time*, revista de maior tiragem nos Estados Unidos, figura como representante da mídia norte-americana.

Já no caso da *Time*, a reportagem *Person of the Year 2011: The Protester*, publicada um ano após os inícios das manifestações na Tunísia, dá uma visão geral sobre a onda de protestos no Mundo Árabe e seus desdobramentos e será usada como principal objeto de estudo. Nesse caso, a análise destaca os acontecimentos de alguns meses após a queda de Mubarak no Egito, quando protestos contra a ordem econômica capitalista, inspirados na Primavera Árabe, se alastravam por diversos centros ocidentais, como Madri, Atenas, Londres e Nova York.

Com isso, será possível compreender as diferenças nos enfoques dado pela mídia ocidental às manifestações árabes e ocidentais, sendo possível averiguar os elementos que dão credibilidade para uma manifestação popular em uma cobertura jornalística. Isso é

relevante já que há pouco tempo atrás, a combinação de manifestações populares com credibilidade e eficácia era dificilmente encontrada nos meios de comunicação.

Essa comparação pode nos levar a questionar como os meios de comunicação lidaram com o fato da maioria dos protestos, árabes e ocidentais, não possuírem um plano político a longo prazo para suas reivindicações. A falta de uma diretriz ideológica e o pluralismo da Primavera Árabe, suas maiores riquezas, deixavam uma grande lacuna para o jornalismo agir e especular. Especular primeiramente sobre a eficácia das manifestações em derrubar seus ditadores e, após a queda desses ditadores, em instaurar um modelo aceitável para o Ocidente, compatível com o capitalismo de mercado e com os interesses políticos das potências centrais.

Esse modelo ocidental aceitável foi frequentemente considerado a única saída existente para um desfecho positivo das manifestações árabes. Já nos protestos ocidentais, esse mesmo modelo era considerado a causa das manifestações. Um paradoxo digno de atenção, já que essa lógica posiciona as populações árabes em um degrau abaixo dos ocidentais, supostamente lutando para se igualarem ao Ocidente. Por outro lado, analisar como a mídia norte-americana reagiu aos protestos que se inspiravam na Primavera Árabe, principalmente o Occupy Wall Street de Nova York, pode nos revelar até que ponto o reconhecimento de que o Oriente havia iniciado e influenciado o Ocidente, liderando uma onda revolucionária global, penetrou na grande mídia.

Ao fim da análise midiática, é feita uma relação entre as conclusões obtidas com o histórico de submissão do Oriente ao Ocidente. Ao analisarmos essa relação de submissão, que teve desdobramentos dramáticos durante o século XX (questão da Palestina, guerras, terrorismo) podemos ter uma ideia melhor de como essa situação evoluiu até o momento contemporâneo. Finalmente, contextualizando e compreendendo os elementos culturais, políticos e históricos que certamente influenciaram a mídia ocidental nesse caso, fechamos nossa análise sobre funcionamento e as limitações do jornalismo ocidental durante a cobertura da Primavera Árabe.

2. - Análise Midiática da Primavera Árabe

Em um primeiro momento, uma análise detalhada do jornalismo impresso francês será feita. A relevância da Primavera Árabe na França e as diversas posições políticas presentes na mídia impressa francesa foram os fatores decisivos para a escolha do país. Começando por um panorama dos grandes jornais utilizados na pesquisa, seguido pela análise de editoriais e artigos sobre a queda de Hosni Mubarak, essa análise tem um objetivo bem abrangente, de representar uma visão mais ampla de como o jornalismo francês lidou com o tema e quais foram os fatores que explicam cada tipo de abordagem.

Em seguida, vamos analisar a reportagem *Person of the Year 2011: The Protester*, da *Time*, revista de maior circulação nos Estados Unidos. A reportagem cobre desde o início da Primavera Árabe até as consequências da onda revolucionária que chegou ao Ocidente em 2011, culminando com os movimentos dos Indignados na Espanha e com o Occupy Wall Street, nos Estados Unidos.

Finalmente, temos o Brasil. A análise do jornal *O Globo* e da revista *Veja*, pode nos ajudar a compreender como a Primavera Árabe foi retratada pela grande mídia do país, onde possui menor relevância política e cultural, mas, ainda assim, teve o espaço que um grande acontecimento merece.

2.1 – Os Grandes Jornais da França

Segundo o Instituto Nacional de Estatísticas e dos Estudos Econômicos francês, a população atual da França é de, aproximadamente, 66 milhões¹ de habitantes. Enquanto isso, uma pesquisa da AudiPresse², associação que reúne sindicatos e entidades que promovem jornais e revistas impressos no país, estima que 51% dos franceses leem, ao menos, um jornal por dia. Divididos entre publicações regionais e nacionais, os quase 33 milhões de leitores franceses estão acostumados com uma imprensa que representa diversas posições ideológicas. Os três mais importantes jornais do país, que combinam alcance nacional e grandes tiragens, são o *Libération*, o *Le Monde* e o *Le Figaro*.

Ainda segundo a Audipresse, o *Libération*, teve 863 mil leitores diários em 2012. O jornal foi fundado em 1973 e, com o passar das décadas, se firmou como o principal jornal da esquerda. Já o *Le Monde*, de centro-esquerda, possui 1,9 milhões de leitores e ainda

¹ Disponível em: www.insee.fr/fr/. Acesso em: jun. 2013.

² Disponível em: <http://www.one2012resultats.com/index.ok748.html>. Acesso em: jun. 2013.

comercializa 40 mil exemplares fora do país diariamente, sendo considerado o jornal francês com a maior projeção internacional. Por fim, o *Le Figaro* possui 1,2 milhões de leitores por dia e é controlado pelo grupo Socpresse, presidido por Serge Dassault, senador do maior partido de direita da França, o UMP.

Um olhar mais analítico nos números da pesquisa revela alguns interessantes detalhes sobre o público de cada jornal citado. Enquanto o *Libération* é lido por, somente, 10,2% dos leitores que vivem em famílias com renda acima dos 80 mil euros por ano, o *Le Monde* é lido por 27,3% e o *Le Figaro* por 21,1% desses leitores de maior poder aquisitivo. Quando focamos nos dados referentes à faixa etária, averiguamos que, enquanto apenas 17% do público do *Libération* e 19,3% do público do *Le Monde* está acima dos 65 anos, esse percentual chega a 31,3% dos leitores do *Le Figaro*.

Esses dados, combinados com as posições ideológicas dos jornais, são relevantes para conhecermos o perfil dos públicos-alvo de cada publicação. Enquanto *Libération* e *Le Figaro* possuem leitores mais delimitados pela classe social e faixa etária, o *Le Monde* possui um público mais heterogêneo, compatível com sua postura política mais flexível e abrangente.

Além das estatísticas, nossa análise também leva em conta o depoimento³, concedido ao autor, de Lamia Oualalou, correspondente internacional do jornal *Le Figaro* no Brasil. Lamia mora há 6 anos no Rio de Janeiro, é marroquina e já trabalhou na sede do jornal em Paris como enviada especial da América Latina. Sua experiência com o jornalismo francês e seu contato com os profissionais das editorias internacionais, acrescentam um teor qualitativo à nossa análise.

Ao se referir ao público de cada jornal, ela afirma que "*Libération* sofre por uma questão geracional, é um jornal mais jovem, sofreu mais com a competição com a Internet e teve problemas de gestão" (OUALALOU; 2013). Isso se reflete nos números citados, bem como a sua afirmação de que "as pessoas chegam numa certa idade e começam a comprar o *Le Figaro*. Mas isso acaba sendo muito bom para publicidade, o cara de 50 anos que tem o salário mais alto, é um alvo mais interessante da publicidade" (OUALALOU; 2013).

Ao questionarmos o público mais heterogêneo do *Le Monde*, a jornalista nos revelou importantes características do jornal: "O *Le Monde* é mais institucional. No Ministério das Relações Exteriores da França todos leem o *Le Monde*, é uma tradição. Também tem a

³ Depoimento disponível no Anexo.

diferença de horário, como o *Le Monde* sai ao meio-dia, muitos o comentam na hora do almoço com os colegas de trabalho" (OUALALOU; 2013).

Ao levarmos em consideração os editoriais, capas e artigos sobre a Primavera Árabe desses três grandes jornais, podemos ter uma boa ideia de como a grande mídia francesa, de diversas linhas ideológicas, aborda esse tema. Isso possibilita apontar as diferenças e semelhanças das coberturas jornalísticas guiadas pelas diferentes linhas editoriais dessas publicações, mesmo que a cobertura internacional desses jornais seja menos afetada por questões ideológicas:

Essa coisa muito ideológica entra muito na economia e na política francesa [...] No internacional isso não é verdade [...] Tem uma grande confiança no jornalista, é muito raro a direção opinar sobre isso, eles respeitam muito o fato de você estar no terreno (OUALALOU; 2013).

Tendo em mente essa maior liberdade das coberturas jornalísticas internacionais, vamos começar a nossa análise com os editoriais dos jornais franceses sobre a queda de Hosni Mubarak, ex-ditador egípcio. Os artigos de opinião possuem uma forte ligação com a linha editorial de cada jornal, diferente das reportagens, produzidas de forma mais independente por enviados especiais e correspondentes. Esse fato é, por diversas vezes, utilizado para neutralizar uma parte do teor ideológico de uma reportagem internacional destoante. Lamia Oualalou relata um exemplo dessa prática no *Le Figaro*:

Não necessariamente nas matérias, mas na capa e no editorial a direção entra de maneira forte, onde eles podem questionar as informações da matéria sob um ponto de vista conservador. Quando eu fiz uma matéria sobre o Hugo Chávez, eles falaram no editorial sobre as coisas boas sobre a Venezuela que eu falei na matéria, mas também apontavam para outras coisas que a matéria não tratava, como a tensão entre Venezuela e Estados Unidos e como isso não é bom. Eles tentam equilibrar, mas não mexem em cobertura. (OUALALOU, 2013).

2.2 – Editoriais Franceses Sobre a Queda de Hosni Mubarak

Os editoriais são artigos opinativos que discorrem sobre algum assunto relevante de acordo com a linha editorial seguida pela direção do jornal. Por esse motivo, a análise dos editoriais sobre a queda de Hosni Mubarak no Egito, é um bom ponto de partida para a análise da cobertura da Primavera Árabe pelos jornais franceses.

No dia 11 de fevereiro de 2011, após dezoito dias de protestos, o ditador Hosni Mubarak deixou o poder no Egito após trinta anos. A nação mais populosa do Mundo Árabe derrubou seu governante e confirmou a eficácia dos protestos. Nos dias após o

acontecimento, os três jornais franceses analisados publicaram editoriais sobre a situação no Egito e dedicaram grande parte de suas páginas ao acontecido. Essa cobertura mostra a relevância do evento na França onde, desde a crise econômica que começou em 2008, houve uma diminuição das reportagens internacionais.

Com a crise, as páginas internacionais encolheram, em dois aspectos: de maneira geral, você tinha seis, sete páginas, agora tem duas, três páginas e a crise europeia teve como impacto que, de repente, voltaram a olhar mais para a Europa (OUALALOU; 2013).

Vamos analisar os três editoriais, começando por *Libération*, seguido de *Le Figaro* e, finalmente, *Le Monde*. O editorial do *Libération*⁴ foi assinado por Laurent Joffrin, diretor de redação da publicação, o que reitera a importância do fato para o jornal. Em sua parte inicial, o editorial tem um marcante tom de celebração com o acontecido:

Em três semanas de protestos heróicos – ainda não sabemos o número de mortos – o povo egípcio expulsou seu faraó decadente. Um projeto pacífico, a democracia se transformou em uma onda para por fim a trinta anos de corrupção, de repressão e de mentira. Os mártires não morreram em vão. O tirano caiu. O Facebook e a sede por dignidade triunfaram. Essa vitória é um diamante⁵ (Editorial, *Libération*, 2011, p. 2).

O jornal considera a queda de Mubarak um verdadeiro sucesso do povo egípcio que conseguiu derrubar seu ditador em pouquíssimo tempo. Não são feitas concessões ao êxito nesse primeiro parágrafo. A vitória é considerada um "diamante" pelo jornal. Também não são feitos juízos de valores sobre o que a "sede de dignidade" descrita como um dos objetivos da revolução significa, ou deveria significar. Isso demonstra um interesse maior em relatar o marco rumo a um futuro menos opressor do que tirar conclusões precipitadas sobre o projeto que deveria ser implantado no momento seguinte à queda.

Em seu segundo parágrafo, o editorial questiona uma das características da revolução: o papel do exército egípcio, que ficou com o poder provisório após a saída de Mubarak. Isso é feito interrogando os reais motivos pelos quais as forças armadas viraram as costas para o governo, apoiando os manifestantes:

⁴ Disponível em: <http://www.liberation.fr/monde/01012319576-liberation>. Acessado em: jun. 2013.

⁵ En trois semaines d'une protestation héroïque - combien de morts, on ne le sait pas encore - le peuple égyptien a dégagé son pharaon décati. Projet pacifique, la démocratie s'est changée en lame de fond pour mettre fin à trente années de corruption, de répression et de mensonge. Les martyrs ne sont pas tombés en vain. Le tyran a succombé. Facebook et la soif de dignité triomphent. Cette victoire est un diamant.

O exército egípcio se manteve, dessa vez, do lado do povo: é a própria definição das revoluções. Ele sacrificou seu chefe para conservar o essencial? Ou também trabalhou pelos ideais de emancipação que as mentes fechadas acreditavam estarem limitados ao Ocidente?⁶ (Editorial, *Libération*, 2011, p. 2)

Ao deixar de lado o tom de celebração do primeiro parágrafo fazendo esse questionamento, o *Libération* adota uma postura mais cautelosa, sustentada, principalmente, pela desconfiança gerada pela força política concentrada em uma instituição tão poderosa quanto o exército naquele momento. A eficácia da revolução, que conseguiu chegar ao objetivo de derrubar o tirano no poder, não é questionada. Porém, ao reconhecer a força política do exército naquele momento, o jornal sublinha que a revolução só vai preponderar, nos moldes em que se estabeleceu, se as forças armadas tiverem absorvido os ideais que moveram as manifestações.

A abordagem realista contrasta com o clima de celebração do primeiro parágrafo, ponderando otimismo e preocupação com o teor emancipatório das manifestações. Essa preocupação se explicita quando o editorial afirma que esses "ideais de emancipação" eram limitados ao Ocidente pelas "mentes fechadas". Desse modo, o jornal chama atenção para o senso comum de que a opressão é algo intrínseco nas sociedades árabes. É um lembrete da importância e do valor das manifestações, que rompem com um paradigma da impotência dos árabes frente à opressão.

Esse tom mais preocupado com a manutenção dos ideais emancipatórios das manifestações reaparece no último parágrafo do editorial em passagens como: "Como em todas as revoluções, essa levará à salvação ou ao abismo"⁷ (Editorial, *Libération*, 2011, p. 2) e "como não é possível parar um rio impetuoso, não existe outra atitude possível a não ser a de apoiar esse processo, favorecendo o que há de melhor nele"⁸ (Editorial, *Libération*, 2011, p. 2).

Ambas as afirmações apontam para a possibilidade de sucesso e fracasso do movimento, justificável pela complexidade do acontecido. Mas na segunda afirmação, o que mais se destaca é a postura ativa que o *Libération* assume para si e propõe aos seus leitores, ao declarar que deve-se favorecer o que há de melhor nas revoluções. Essa postura combativa

⁶ L'armée égyptienne s'est rangée, pour cette fois, du côté du peuple: c'est la définition même des révolutions. A-t-elle sacrifié son chef pour conserver l'essentiel ? Ou bien est-elle aussi travaillée par ces idées d'émancipation que les esprits étroits croyaient réservées à l'Occident?

⁷ Comme dans toutes les révolutions, cela mènera au gouffre ou au salut.

⁸ Comme on n'arrête pas une rivière impétueuse, il n'est d'autre attitude possible que de soutenir ce magnifique processus, en tâchant de favoriser ce qu'il y a de meilleur en lui.

pode-se justificar com uma das características mais importantes do *Libération*, "a filosofia [...] do "Homem com Compromisso", ou seja, eles decidem o que é mais importante para você" (OUALALOU; 2013). Essa filosofia tira um pouco da autonomia do leitor decidir o que é mais relevante e, no caso do editorial analisado, revela uma posição próxima do *Le Figaro*, jornal do outro lado do espectro político, que defende uma intervenção europeia nas revoluções em seu editorial, como veremos a seguir.

O editorial do *Le Figaro*⁹ sobre a saída de Mubarak do poder, começa relacionando à queda do ditador com a esperada transição democrática controlada pelo exército: "A saída de Hosni Mubarak abre o caminho no Egito para uma real transição, que esperamos ser democrática, sob o controle de um exército que soube se aliar às aspirações da juventude"¹⁰ (Editorial, *Le Figaro*, 2011, p.17). O jornal não questiona as intenções do exército como faz o *Libération*, aceitando o papel das forças armadas no processo revolucionário de maneira muito mais natural do que o diário de esquerda. Nesse momento, podemos pontuar a preocupação do *Le Figaro* em garantir o lugar do exército, a instituição oficial mais forte naquele momento, no processo. Esse controle exercido pelas forças armadas, supriria a falta de organização política do movimento, que é criticada mais à frente. Essa postura é bem diferente das desconfianças expressas no editorial do *Libération* frente ao poder do exército.

Logo após, o texto aborda Israel, um dos fatores mais importantes a sustentar o governo de Mubarak: "Menos de um mês após a queda de Ben Ali, na Tunísia, chega a hora do país mais importante da região, base de equilíbrio estratégico e da paz com Israel"¹¹ (Editorial, *Le Figaro*, 2011, p.17). Essa abordagem é sutil e não cita detalhes sobre, por exemplo, o acordo econômico com os Estados Unidos que garantia esse equilíbrio estratégico, fato que é citado pelo *Le Monde*, como veremos mais adiante.

Finalmente, o texto faz suas maiores críticas ao movimento e suas possíveis consequências. No caso do *Libération*, essas críticas se direcionaram para as intenções do exército, que ganhou o poder. Enquanto isso, o *Le Figaro* critica a falta de uma liderança e de estruturação política do movimento, fazendo menção à Irmandade Muçulmana:

⁹ Disponível no Anexo.

¹⁰ La démission de Hosni Moubarak ouvre la voie en Égypte à une réelle transition, que l'on espère démocratique, sous le contrôle d'une armée qui a su se rallier aux aspirations de la jeunesse.

¹¹ Moins d'un mois après la chute de Ben Ali, en Tunisie, voilà que le pays le plus important de la région, pilier de l'équilibre stratégique et de la paix avec Israël [...]

Não formalizaram um programa coerente. Nenhum dirigente com envergadura se impôs para o encarnar. Se a Irmandade Muçulmana não estava na origem das revoltas e mostraram o limite de sua popularidade, sua capacidade de organização continua intacta. O desafio do novo Egito, assim como o da Tunísia, é de provar que a democracia pode se instalar nessa região do mundo sem preparar o terreno para o Islamismo político.¹² (Le Figaro, Editorial, 12 fev. 2011)

Ao criticar a não existência de um modelo político defendido pelos manifestantes, apontando para os perigos do Islamismo político, o *Le Figaro* relativiza a noção de democracia. É como se o jornal afirmasse que, apesar de apoiar as motivações democráticas dos protestos, não considera como legítimas algumas possíveis vontades da população, como a eventual eleição de membros da Irmandade Muçulmana. Mais que isso, o jornal condena qualquer tipo de institucionalização política do Islã durante o novo processo democrático. Essa é uma visão bem imparcial, que além de pretender delinear limites para a democracia egípcia, carrega um pouco de preconceito: é de se admirar que um jornal conservador como o *Le Figaro*, considere a influência da religião na política como algo que não cabe na democracia. Em diversos países ocidentais (Brasil, Itália, Estados Unidos e, até mesmo, a própria França), as religiões têm um considerável poder político e isso não desqualifica a democracia de nenhum deles.

No último parágrafo do editorial, o jornal traça um paralelo entre a situação no Egito e a Revolução Iraniana, que levou extremistas islâmicos ao poder em 1979. Esse paralelo é seguido da afirmação que o desafio de lutar contra a ameaça do extremismo muçulmano é “um desafio que a Europa deve apoiar com toda a urgência e com todas as suas forças”¹³ (Editorial, Le Figaro, 2011, p.17). É nesse ponto que vemos um claro apoio à intervenção europeia nas revoluções árabes, um ponto que aproxima os editoriais de *Libération* e *Le Figaro*: ambos se encerram descrevendo como deve ser a participação externa no processo.

Assim como o *Libération* defende uma posição ativa em relação aos acontecimentos quando afirma que “não há outra posição possível do que a de apoiar esse processo magnífico, com o objetivo de favorecer o que há de melhor nele”¹⁴ (Libération, Editorial, 12 fev. 2011), o *Le Figaro* também defende, à sua maneira, uma postura mais ativa quando

¹² Il n'a pas formalisé de programme cohérent. Aucun dirigeant d'envergure ne s'est imposé pour l'incarner. Si les Frères musulmans n'ont pas été à l'origine de la révolte et ont montré les limites de leur popularité, leur capacité d'organisation reste intacte. Le défi de l'Égypte nouvelle, comme celui de la Tunisie, va être de faire la preuve qu'une démocratie peut s'installer dans cette région du monde sans faire le lit de l'islamisme.

¹³ [...] un défi que l'Europe doit soutenir de toute urgence et de toutes ses forces.

¹⁴ [...] il n'est d'autre attitude possible que de soutenir ce magnifique processus, en tâchant de favoriser ce qu'il y a de meilleur en lui.

defende uma democracia livre do Islamismo político, afirmando que a Europa deve utilizar suas forças para impedir um eventual avanço de extremistas nos países árabes. É notório que a afirmação do *Le Figaro* possui um clamor pelo intervencionismo oficial, militar, inexistente no editorial do *Libération*, mas ambos defendem algum tipo de participação ativa no processo que se desenrolava de maneira independente nos países árabes.

Essas posturas podem se justificar pelo fato desses jornais possuírem linhas editoriais mais conectadas à modelos políticos e econômicos definidos. Dessa forma, uma abordagem mais livre de pré-concepções se torna um desafio maior. Enquanto isso, o *Le Monde*, politicamente mais moderado, se limita a transmitir a importância do evento e apontar para as esperanças e os desafios por ele criadas, sem defender explicitamente nenhum tipo de intervenção material na Primavera Árabe.

O editorial de *Le Monde*, intitulado "A esperança que acaba de nascer às margens do Nilo"¹⁵, foi publicado na capa da edição do dia 13 de fevereiro de 2011 do jornal. O texto começa ponderando as esperanças e desafios que a queda de Mubarak gerou e, assim como no *Le Figaro*, a importância do Egito na questão da proteção do Estado de Israel é considerada uma das razões pela qual o evento se mostra tão significativo para a política internacional:

Uma revolta à frente do Egito não pode deixar de balançar o status quo político do Oriente Médio, onde, com a exceção de Israel, reinam os regimes com as mesmas patologias: paternalismo predador, onipotência dos serviços de segurança, desvios nas práticas eleitorais.¹⁶ (Editorial, *Le Monde*, 2011, p.1)

Nesse ponto, é interessante sublinhar como o contraponto feito entre Israel e os outros países do Oriente Médio, trazem à tona um contraste entre Oriente e Ocidente, no qual apenas os modelos que representam o primeiro são alvos de críticas generalizadas. Além disso, é interessante contrastar essa afirmação, que afasta Israel dos modelos ditatoriais, com o fato do Estado judeu ter sido uma das maiores razões para a manutenção do poder de Mubarak durante décadas.

¹⁵ L'espoir qui vient de naître au bords du nile.

¹⁶ Un bouleversement à la tête de l'Egypte ne peut pas ne pas ébranler le statu quo politique dans un Proche-Orient où, à l'exception d'Israël, règnent des régimes atteints des mêmes pathologies: paternalisme prédateur, onnipotence desservices de sécurité, dévoiement des pratiques électorales.

Em relação ao poder delegado ao exército, o *Le Monde* não questiona, como o *Libération*, nem aposta, como o *Le Figaro*, nas forças armadas. Com uma abordagem mais descritiva e menos partidária, o jornal aponta para as diversas correntes que compõe o exército do país, que "vão da esquerda laica à Irmandade Muçulmana, do reformismo ao conservadorismo"¹⁷ (Editorial, *Le Monde*, 2011, p.1) e refletem a composição da sociedade do país. Essa constatação das diversas forças presentes na composição do exército que toma o poder pode ser interpretada como uma constatação de que, apesar das dificuldades existentes, o pluralismo da revolução continuaria vivo mesmo com o exército no poder temporário.

Apontar diferenças e semelhanças entre os editoriais dos jornais franceses sobre a queda de Mubarak foi um bom começo para entendermos a cobertura jornalística da Primavera Árabe por demonstrar que, sutilmente, os diferentes editoriais revelam diferentes visões ideológicas sobre as revoluções. O engajamento do *Libération*, o tom de preocupação com a falta de uma organização e a aposta no exército do *Le Figaro* e o tom mais apaziguador do *Le Monde*, focando na política externa, revelam características fundamentais para se entender as coberturas de cada jornal. A análise das diferentes reportagens sobre a Primavera Árabe vai complementar essa primeira etapa.

2.3 – Reportagens Francesas Sobre a Queda de Hosni Mubarak

Para aprofundarmos nossa análise da cobertura jornalística francesa sobre a queda de Hosni Mubarak, vamos analisar reportagens produzidas principalmente por correspondentes internacionais e jornalistas especialistas em política externa. Além disso, contamos com o depoimento de Lamia Oualalou, correspondente do *Le Figaro* no Brasil, que nos deu importantes informações sobre os bastidores do grande jornalismo francês. Esse depoimento foi crucial para a análise, principalmente por esclarecer questões estruturais que influenciam nas coberturas francesas e por esclarecer alguns detalhes sobre o funcionamento do *Le Figaro* na época da queda de Mubarak.

Os artigos sobre a queda do ditador Mubarak podem dar uma visão mais completa sobre como as linhas editoriais de cada jornal, bem como seus recursos financeiros e humanos, moldam a cobertura desse evento. Por isso, é importante destacar as diferenças estruturais entre os jornais, que, como as divergências ideológicas, também influenciam as reportagens. Dos três jornais analisados, o *Libération* é o que mais sofre com a falta de infra-

¹⁷ [...] allant de la gauche laïque aux Frères musulmans, du réformisme au conservatisme.

estrutura ultimamente, “por uma questão geracional, é um jornal mais jovem, sofreu mais com a competição com a Internet e teve problemas de gestão [...] não tem mais dinheiro” (OUALALOU; 2013). Esse fato se reflete na cobertura do *Libération*, mais limitada. Apesar disso, o jornal ainda possuía uma correspondente no Cairo no início de 2011.

Le Monde e *Le Figaro* ainda possuem alguns correspondentes internacionais e têm a prática de arcar com os custos de enviados especiais durante eventos relevantes. No caso do Oriente Médio, essa região ainda é muito valorizada na cobertura jornalística desses jornais:

Hoje você tem foco sobre Oriente Médio, África francófona e Europa. [...] Eu, por exemplo, cobri uma quantidade de coisas na América Latina, incríveis, todas as eleições... Tem ainda dinheiro para isso, agora para esses lugares, como Oriente Médio, tem muito mais. (OUALALOU, 2011)

2.4 – *Libération*

Apesar da crise atual do *Libération*, na época da queda de Mubarak, o jornal ainda mantinha uma correspondente no Cairo, a jornalista Claude Guibal. Ela viveu no Egito durante 14 anos e assinou a principal matéria do jornal¹⁸ sobre a queda de Mubarak, intitulada “O povo ganhou, Mubarak vai embora”¹⁹, com o apoio de Hélène Depic-Popovic, especialista em assuntos eslavos, que já foi correspondente em Moscou. A reportagem ocupava a segunda e a terceira páginas do *Libération* do dia 12 de fevereiro de 2011. O texto se inicia no mesmo clima de comemoração do editorial do jornal:

Ela chora, ela ri, Samar não sabe direito. Tão emocionada que esqueceu seu véu sobre o sofá, onde estava sentada enquanto a televisão anunciava a partida do presidente Mubarak. Cabeça à mostra, ela desceu para a rua, se misturou ao fluxo feliz, heterogêneo, que envolvia as ruas na direção Midan Tahrir, aquela praça da Libertação, agora apropriadamente nomeada. “É o dia mais bonito de minha vida”, ela chorava.²⁰ (GUIBAL e DEPIC-POPOVIC, *Libération*; 2011)

Apesar do tom de celebração bem parecido com o do editorial, a reportagem começa em forma de narrativa, focando em um indivíduo. A voz é dada à Samar, mulher que esquece o véu sobre o sofá para ir às ruas comemorar com os outros egípcios. Não sabemos outros detalhes sobre a sua vida, ela pode ser qualquer mulher egípcia que, naquele momento, está

¹⁸ Disponível em: <http://www.liberation.fr/monde/01012319574-le-peuple-a-gagne-moubarak-s-en-va>. Acessado em: jun. 2013.

¹⁹ Le peuple a gagné, Moubarak s'en va.

²⁰ Elle pleure, elle rit, Samar ne sait plus très bien. Tellement émue qu'elle en a oublié son niqab sur le canapé où elle était assise lorsque la télévision a annoncé le départ du président Moubarak. Tête nue, elle est descendue dans la rue, s'est mêlée au flot joyeux, bigarré, qui s'est engouffré dans les rues, direction Midan Tahrir, cette place de la Libération désormais si bien nommée. «*Le plus beau jour de ma vie!*» s'est elle écriée.

completamente feliz com a queda do ditador e sai às ruas sem se importar se está com o véu sobre a cabeça. Esse relato deixa claro que a correspondente Claude Guibal acompanhava de perto os eventos, com um olhar de quem morava no local há mais de uma década e conhecia o idioma e a cultura local.

“Se você depende de um tradutor [...] você não lê jornal, você não entende o que as pessoas gritam na rua, não pode assistir televisão, não entende as canções” (OUALALOU; 2013). Contar com alguém, que não precisava de um intermediário se revelou de suma importância para a cobertura do jornal, que priorizou, em seu editorial e em suas reportagens, o ponto de vista local: a comemoração e a reação dos egípcios à queda do ditador, como podemos ver em outros relatos obtidos no meio da multidão heterogênea que festejava:

Na praça Tahrir [...] Alguns minutos mais tarde, só se fala no tweet que um dos organizadores das manifestações acaba de publicar, o militante cibernético Wael Ghoneim, funcionário do Google que passou doze dias na prisão, de olhos vendados e que a reaparição na praça Tahrir relançou o movimento no início da semana. Sua mensagem é concisa: “Felicitações ao Egito, o criminoso saiu do país”.²¹ (GUIBAL e DEPIC-POPOVIC, Libération; 2011)

Ao fazer menção a um dos líderes das manifestações e a detalhes como a mensagem por ele publicada, a reportagem do *Libération* valoriza mais uma vez a emoção e as reações de indivíduos comuns e líderes que vão ter suas vidas diretamente afetadas pelos eventos. Não são feitas menções diretas a outros países e à repercussão mundial do acontecido. Além do testemunho de quem estava no meio da multidão e que vibrava com a perspectiva de um futuro melhor, a única parte em que a reportagem menciona instituições e organizações específicas é no final do artigo, para ilustrar o apoio geral à posição do exército. Porém, como no editorial, pode-se perceber a desconfiança do jornal com o poder centralizado nas mãos das forças armadas no momento pós-Mubarak:

O exército tem o apoio da opinião pública, apesar da repressão e dos abusos aos direitos humanos. [...] Não há dúvidas de que foi a promessa feita pelo exército, no dia 31 de janeiro, de não atirar na multidão, que constituiu o acontecimento marcante, que permitiu o povo de chegar à vitória. Antes dessa data, 300 pessoas foram mortas. O preço da liberdade.²² (GUIBAL e DEPIC-POPOVIC, Libération; 2011)

²¹ Quelques minutes plus tard, on ne parle plus que du tweet que vient d’envoyer l’un des organisateurs de la contestation, le cybermilitant Wael Ghoneim, cadre de Google qui a passé douze jours en prison, les yeux bandés, et dont la réapparition sur la place Tahrir a relancé le mouvement au début de la semaine. Son tweet est lapidaire : «*Félicitations à l’Egypte, le criminel a quitté le palais.*»

²² L’armée bénéficie du soutien de l’opinion, malgré les répressions et les abus des droits de l’homme. [...] Il ne fait aucun doute que c’est la promesse, lancée par l’armée le 31 janvier, de ne pas tirer sur la foule, qui a

Essa desconfiança, expressa no editorial do jornal de maneira mais genérica, ganha força com o número de mortos durante as manifestações antes do pacto que as forças armadas fizeram com os civis no dia 31 de janeiro de 2011. A mudança de atitude do exército durante a revolução, questionada pelo editorial do *Libération* e aplaudida pelo editorial do *Le Figaro*, pode ter sua verdadeira origem explicada pela abordagem do *Le Monde*.

Como citado anteriormente, o *Le Monde* aponta para o fato da composição heterogênea do exército egípcio, que reflete a composição da sociedade civil, o que justifica as dúvidas e mudanças de postura do exército durante os protestos. Com o passar dos meses, após a queda de Mubarak, toda essa questão envolvendo o exército egípcio se confirmou pertinente, já que “comprometida por sua forte ligação com o dispositivo do poder do antigo regime, a imagem da hierarquia militar egípcia não parou de se degradar com o tempo”²³ (AYARI e GEISSER, 2011; p.86), culminando com protestos contra a lentidão das reformas políticas lideradas pelo Conselho Militar, em julho de 2011.

2.5 – *Le Monde*

A cobertura da queda de Mubarak feita pelo *Le Monde* é um conjunto de artigos plurais, dos quais se sobressaem reportagens que tratam das relações do evento com o conflito entre Israel e Palestina, a repercussão nos Estados Unidos e uma importante análise, bem detalhada, sobre a Irmandade Muçulmana.

Laurent Zecchini, correspondente do jornal em Jerusalém, e Gilles Paris, que mantém um blog sobre Israel e Palestina no site do diário, publicaram artigos que abordavam as repercussões da saída de Mubarak do poder em Israel e as preocupações com o novo momento de indecisão do Egito. Esses artigos refletem, mais uma vez, a importância da política externa para o *Le Monde*, já que “Palestina e Israel são um ponto de tensão bem maior, no mundo inteiro, que não é de direita e esquerda” (OUALALOU; 2011):

Enquanto a reportagem de Gilles Paris²⁴ debate a, já comentada, composição plural do exército e as incertezas geradas por isso, a reportagem de Laurent Zecchini²⁵ dá uma visão

constitué l'événement charnière permettant à la foule de remporter la victoire. Avant cette date, au moins 300 personnes avaient été tuées. Le prix de la liberté.

²³ Déjà brouillé par sa forte implication dans le dispositif de pouvoir de l'ancien régime, l'image de la hiérarchie militaire égyptienne n'a cessé de se dégrader au fil du temps.

²⁴ Disponível em: http://www.lemonde.fr/proche-orient/article/2011/02/12/le-conseil-militaire-supreme-l-acteur-central-d-une-periode-delicate_1479024_3218.html. Acessado em: mai. 2013.

bem clara de como a insegurança, gerada pela queda de Mubarak e pela Primavera Árabe em diversos países, está sendo recebida em Israel:

“Entramos no desconhecido”, constata Tewfik Aclimandos, pesquisador associado ao Collège de France, especialista reconhecido da política egípcia. Uma afirmação compatível com o Conselho Militar supremo, que é, hoje, a principal autoridade do Egito.²⁶ (PARIS, Le Monde; 2011)

Israel viu se desenrolar diante de seus olhos, durante a noite de sexta-feira, 11 de fevereiro, o cenário-catástrofe previsto por seus estrategistas. Independente dos resultados das eleições que virão e da composição do próximo governo egípcio, os governantes israelenses sabem que as relações com seu vizinho do sul não serão mais as mesmas, que o isolamento do Estado judeu no Oriente-Médio vai se acentuar, porque a onda de revolta popular que balança os países árabes pode perturbar o equilíbrio geopolítico regional.²⁷ (ZECCHINI, Le Monde; 2011)

Mesmo sem condições de avaliar o material em profundidade, é possível constatar, na cobertura da queda de Mubarak, que ao focarem na política externa, sem estipular claramente qual o caminho deve ser seguido na política interna egípcia, os artigos do *Le Monde* acabam abordando questões complexas, como a preocupação de Israel com a queda de Mubarak. Para Lamia Oualalou, isso pode ser justificado pelo fato do consenso quanto à saída de Mubarak do poder, que abria espaço para debates maiores: “a maioria das pessoas estava a favor dos manifestantes, ninguém vai falar que ditador é bom, a maior preocupação é com Israel, porque de fato a posição dos governos é bem mais tensa” (OUALALOU; 2013).

Porém, é importante perceber que essa posição mais tensa entre os governos faz com que, ao focar política externa, o *Le Monde* abra espaço para uma visão claramente voltada para os interesses de países ocidentais centrais e seus aliados, como as preocupações do governo de Israel. Apesar disso, no trecho final da reportagem, pode-se encontrar uma interessante passagem sobre a relação da posição da autoridade palestina após a queda de Mubarak. Esse trecho, que discorre sobre como a Palestina também contava com ditador para avançar no processo de paz, só aparece nas últimas linhas da reportagem, o que ajuda a definir a tendência do jornal a dar mais peso à posição de Israel nessa questão.

²⁵ Disponível em: http://www.lemonde.fr/proche-orient/article/2011/02/12/israel-se-dit-rassure-par-la-presence-de-l-armee-egyptienne-au-pouvoir_1479029_3218.html. Acessado em: mai. 2013.

²⁶ “Nous entrons dans l'inconnu”, constate Tewfik Aclimandos, chercheur associé au Collège de France, expert reconnu de la politique égyptienne. Une remarque qui vaut tout d'abord pour le Conseil militaire suprême, qui est aujourd'hui l'autorité principale en Egypte.

²⁷ Israël a vu se dérouler sous ses yeux, dans la soirée de vendredi 11 février, le scénario-catastrophe envisagé par ses stratèges. Quel que soit le résultat des élections à venir et la composition du prochain gouvernement égyptien, les dirigeants israéliens savent que les relations avec leur voisin du sud ne seront plus les mêmes, que l'isolement de l'Etat juif au Proche-Orient va s'accroître, parce que la vague de révolte populaire qui secoue les pays arabes risque de bouleverser l'équilibre géopolitique régional.

Seguindo a priorização da política externa, o diário ainda destaca o papel do governo norte-americano na revolução. A reportagem de Corine Lesnes²⁸, correspondente em Washington do *Le Monde*, discute a mudança da postura norte-americana nos conflitos do Oriente Médio, marcada pelo intervencionismo na década anterior:

Depois do início da crise, se não passou à frente dos manifestantes, Barack Obama tomou cuidado para não ficar muito para trás. Ao mesmo tempo, ele teve que levar em conta as pressões dos países árabes, de Israel, dos defensores da estabilidade, representados até no seu Departamento de Estado. Críticas não faltaram. O julgaram muito tímido, muito ou pouco discreto. Mas a posição contínua de Washington evitou uma radicalização anti-americana. Ao menos dessa vez, constatou um parlamentar democrata, “víamos muçulmanos nas ruas que não queimavam a bandeira americana”.²⁹ (LESNES, *Le Monde*; 2011)

Ao explorar as dificuldades do presidente dos Estados Unidos em manter uma postura coerente durante as manifestações, a jornalista pondera os trunfos e as críticas das posições tomadas por Barack Obama. Essa linha de raciocínio leva o leitor a entender a importância da mudança de postura do governo americano no caso da Primavera Árabe, se comparado com o intervencionismo militar que ditou as últimas décadas. Essa não-intervenção, mesmo em um momento considerado como “crise” na região, permitiu que o paradigma da relação antagônica entre os árabes e os Estados Unidos fosse enfraquecido naquele momento. Dessa forma, a citação de um deputado democrata que constatou que essa postura havia, finalmente, surtido efeito sobre o sentimento anti-americano, tão recorrente nas sociedades árabes, dá um tom otimista para o texto.

Esse tom otimista da correspondente em Washington é fruto da postura norte-americana, que abre caminho para transformações legítimas no Mundo Árabe, bem diferente do que era pregado pela política de liberdade durante o governo de George W. Bush, como ela comparou: “A maldição que condenava os jovens do mundo muçulmano à Intifada ou ao cinto de explosivos foi quebrada. A queda de Mubarak foi a vitória da não-violência contra o terrorismo”³⁰ (LESNES, *Le Monde*; 2011).

²⁸ Disponível em: http://www.lemonde.fr/proche-orient/article/2011/02/12/barack-obama-celebre-une-victoire-de-la-non-violence-en-egypte_1479028_3218.html. Acessado em: jun. 2013.

²⁹ Depuis le début de la crise, s'il n'avait pas devancé les manifestants, Barack Obama avait pris soin de ne jamais être très loin derrière. En même temps, il avait dû tenir compte des pressions des pays arabes, d'Israël, des partisans de la "stabilité", représentés jusqu'au département d'Etat. Les critiques n'avaient pas manqué. On l'avait jugé trop timide, trop discret ou pas assez. Mais la position non tranchée de Washington avait permis d'échapper à une radicalisation anti-américaine. Pour une fois, constatait un parlementaire démocrate, on voyait dans la rue des musulmans qui "ne brûlaient pas le drapeau américain".

³⁰ La malédiction qui condamnait les jeunes du monde musulman à l'intifada ou à la ceinture d'explosifs était brisée. La chute de Moubarak, c'était la victoire de la non-violence sur le terrorisme.

É interessante como a jornalista percebe que, acima de preferências políticas, os protestos lutaram pela democracia, contra a repressão, pela dignidade humana. Essa dignidade não foi relativizada pela correspondente, que usou o teor pacífico e democrático dos movimentos para justificar seu otimismo em um futuro mais digno para populações que, pela primeira vez em anos, tinham seus destinos em suas próprias mãos.

Por fim, temos o artigo do especialista Oliver Roy³¹, diretor do Programa de Estudos Mediterrâneos do Instituto Universitário Europeu, em Florença. O artigo é o único a se aprofundar na questão do papel da Irmandade Muçulmana na Primavera Árabe dentre os jornais analisados. Intitulado “Revoluções pós-islamitas”, o texto permite que um novo enfoque seja dado à maioria das reportagens publicadas na ocasião. Isso é possível pelo fato do especialista descrever mudanças cruciais sofridas pelo Islã político desde a Revolução Iraniana, ainda considerada exemplo de ascensão política do Islã pelo senso comum ocidental:

A opinião europeia interpreta os levantes populares no norte da África e no Egito através de uma perspectiva velha, de mais de trinta anos: a Revolução Islâmica do Irã. Ela espera ver os movimentos islamitas, como a Irmandade Muçulmana ou seus equivalentes locais, estarem ou liderando o movimento ou na espreita, prontos para tomar o poder. Mas a discrição e o pragmatismo da Irmandade Muçulmana surpreendem e inquietam: para onde foram os islamitas?³² (ROY; 2011)

Nesse parágrafo, o especialista expõe uma das maiores preocupações ocidentais com a transição democrática dos países árabes: a possibilidade de grupos fortemente ligados à religião muçulmana e, supostamente, posições anti-ocidentais, usarem os movimentos revolucionários para tomarem o poder de forma autoritária. Nessa lógica, esses grupos seriam caracterizados pelo extremismo, justificando as preocupações dos governos e da mídia ocidental com a posição de Israel na região. Além disso, esse possível extremismo também justificaria os debates sobre os modelos políticos que deveriam ser seguidos para evitar que grupos radicais chegassem ao poder após o estabelecimento da democracia.

³¹ Disponível em: <http://www.nsaefr/2011/02/14/revolutions-post-islamistes-par-olivier-roy/#sthash.ZtH9WieO.dpuf>. Acessado em: jun. 2013.

³² L'opinion européenne interprète les soulèvements populaires en Afrique du Nord et en Egypte à travers une grille vieille de plus de trente ans : la révolution islamique d'Iran. Elle s'attend donc à voir les mouvements islamistes, en l'occurrence les Frères musulmans et leurs équivalents locaux, être soit à la tête du mouvement, soit en embuscade, prêts à prendre le pouvoir. Mais la discrétion et le pragmatisme des Frères musulmans étonnent et inquiètent : où sont passés les islamistes ?

Mas, no mesmo parágrafo, a discrição da Irmandade Muçulmana e o pragmatismo das demandas populares durante as manifestações, são sublinhados pelo estudioso, que exemplifica esse fato com os *slogans* usados pelos jovens nos protestos:

É evidente que se trata de uma geração pós-islamita [...] Essa nova geração não se interessa pela ideologia: os slogans são pragmáticos e concretos (“Saia do poder”) [...] Eles expressam, antes de tudo, a rejeição das ditaduras corrompidas e uma demanda pela democracia”³³ (ROY, 2011).

Os slogans pragmáticos demonstram “uma aspiração à democracia social [...] ligada à falta de perspectivas ideológicas mais radicais”³⁴ (AYARI e GEISSER, 2011; p.26). Seguindo essa tendência, “em meados dos anos 2000 [...] os movimentos islamitas como a Irmandade Muçulmana quiseram se transformar em partidos políticos ao se prenderem aos valores democráticos”³⁵ (AYARI e GEISSER, 2011; p.25). Essas transformações vão contra pré-concepções ocidentais sobre os grupos islamitas e é o ponto de partida usado para explicar como aconteceu essa mudança de atitude da juventude, inclusive a dos ligados à Irmandade Muçulmana, desde os anos 70. Primeiramente, Oliver Roy aponta para a importância da mudança de postura dos Estados Unidos com o Oriente Médio durante o governo de Barack Obama, já discutido no artigo da correspondente Corine Lesnes. Menos intervencionista e autoritária, essa postura permitiu uma legítima demonstração democrática do povo egípcio:

A democracia demandada hoje não é mais produto de importação: é totalmente diferente da promoção da democracia feita pela administração Bush em 2003, que não foi recepcionada porque não tinha legitimidade política e era associada a uma intervenção militar. Paradoxalmente, o enfraquecimento dos Estados Unidos no Oriente Médio e o pragmatismo da administração Obama permitiu uma demanda autônoma de democracia a se expressar com toda a legitimidade.³⁶ (ROY, Le Monde; 2011).

³³ Il est évident qu’il s’agit d’une génération post-islamiste. [...] Cette nouvelle génération ne s’intéresse pas à l’idéologie : les slogans sont tous pragmatiques et concrets (» dégage ! «) [...] Ils expriment avant tout un rejet des dictatures corrompues et une demande de démocratie.

³⁴ une aspiration à la démocratie sociale [...] liée au manque de perspectives idéologiques plus radicales.

³⁵ au milieu des années 2000 [...] les mouvements islamistes de type Frère musulmans ont voulu se transformer en partis de gouvernement en misant sur leur attachement aux valeurs démocratiques.

³⁶ Mais la démocratie qu’on demande aujourd’hui n’est plus un produit d’importation : c’est toute la différence avec la promotion de la démocratie faite par l’administration Bush en 2003, qui n’était pas recevable car elle n’avait aucune légitimité politique et était associée à une intervention militaire. Paradoxalement, l’affaiblissement des Etats-Unis au Moyen-Orient et le pragmatisme de l’administration Obama permettent à une demande autochtone de démocratie de s’exprimer en toute légitimité.

Com a democracia não servindo de bandeira para justificar guerras e intervenções estrangeiras, mas como reivindicação do povo, as demandas por mudança puderam surgir espontaneamente, dentro da lógica das sociedades árabes. Além disso, para explicar as mudanças do papel da Irmandade Muçulmana no Egito, Oliver Roy aponta para um segundo fato importante: a evolução da religião nas sociedades árabes.

Uma outra ilusão de ótica é ligar a reislamização massiva que parece atingir as sociedades do mundo árabe durante os últimos trinta anos com uma radicalização política. Se as sociedades árabes são, visivelmente, mais islâmicas que há trinta ou quarenta anos, como explicar a ausência de slogans islâmicos nas manifestações atuais? É o paradoxo da islamização: ela, fortemente, despolitizou o Islã. A reislamização social e cultural [...] aconteceu alheia aos militantes islamitas, [...] os islamistas perderam o monopólio do discurso religioso no espaço público, que eles tinham nos anos 80³⁷ (ROY, Le Monde; 2011).

Confrontando o senso comum ocidental, que tende ligar a aparente reislamização no dia a dia dos árabes com a radicalização na política, o especialista acaba revelando uma realidade bem diferente, na qual essa popularização da religião banalizou o discurso da Irmandade Muçulmana. Ao fazer isso, o especialista desmonta a ideia de que as ditaduras árabes seriam essenciais para evitar uma radicalização da política e de que a Irmandade Muçulmana seria um dos principais atores em um eventual processo de radicalização. Dessa forma, Oliver Roy quebra o paradigma que separa a democracia de grupos políticos islamitas, não impondo limites à participação desses grupos no processo democrático que estava por vir:

A questão hoje não é mais saber se as ditaduras são o melhor remédio contra o Islamismo ou não. Os islamitas se transformaram em atores no jogo democrático. É claro que vão influenciar em um maior controle da moral, mas sem contar com um aparelho de repressão como no Irã ou de uma polícia religiosa como na Arábia Saudita, eles deverão lidar com uma demanda de liberdade que não vai se limitar apenas ao direito de eleger o parlamento³⁸ (ROY, Le Monde; 2011).

³⁷ Une autre illusion d'optique est de lier la réislamisation massive qu'ont semblé connaître les sociétés du monde arabe au cours des trente dernières années avec une radicalisation politique. Si les sociétés arabes sont plus visiblement islamiques qu'il y a trente ou quarante ans, comment expliquer l'absence de slogans islamiques dans les manifestations actuelles ? C'est le paradoxe de l'islamisation : elle a largement dépolitisé l'islam. La réislamisation sociale et culturelle [...] s'est faite en dehors des militants islamistes, [...] les islamistes ont perdu le monopole de la parole religieuse dans l'espace public, qu'ils avaient dans les années 1980.

³⁸ La question aujourd'hui n'est plus de savoir si les dictatures sont le meilleur rempart contre l'islamisme ou non. Les islamistes sont devenus des acteurs du jeu démocratique. Ils vont bien sûr peser dans le sens d'un plus grand contrôle des mœurs, mais faute de s'appuyer sur un appareil de répression comme en Iran, ou sur une police religieuse comme en Arabie saoudite, ils vont devoir composer avec une demande de liberté qui ne s'arrête pas seulement au droit d'élire un Parlement.

Ao contextualizar e explicar em detalhes as transformações e a atual realidade da Irmandade Muçulmana, o especialista finalmente o encaixa no jogo democrático que, ao que tudo indicava, iria se iniciar. O grupo iria continuar lutando por valores morais conservadores, como partidos ligados à extrema-direita e à Igreja também fazem em diversas democracias do mundo. Além disso, o autor expõe diferenças entre o Egito, o Irã e a Arábia Saudita, sublinhando o fato de que a falta de um forte aparato governamental repressor, dificultaria eventuais radicalizações.

Visto isso, percebe-se que diversos fatores culturais, políticos e sociais continuaram a influenciar os países árabes durante os anos 80, 90 e os primeiros anos do século XXI. No último parágrafo do artigo, Oliver Roy explicita a necessidade de considerar esse período de tempo para que a surpresa com as revoluções se transforme em uma maior compreensão do contexto político-social que as possibilitaram:

Uma coisa é certa: não estamos em um excepcionalismo árabe-muçulmano. Os eventos atuais refletem uma mudança profunda nas sociedades do mundo árabe. Essas mudanças estão em curso há muito tempo, mas eles estavam ocultas pelos clichês tenazes que o Ocidente firmava no Oriente Médio³⁹ (ROY, 2011).

Muito taxativo, o encerramento do artigo culpa o fato do Ocidente ter ignorado a maior parte das mudanças por ele apontadas, o que, durante muitas décadas, mascarou diversas alterações nas sociedades árabes. Essa afirmação pode ser facilmente relacionada com a própria postura do *Le Monde* em sua cobertura jornalística da Primavera Árabe: apesar de um tom mais isento e apaziguador quando se tratou da política interna dos países árabes e das possibilidades que as revoluções criavam, o foco na política externa, pautada pelos interesses da Europa, Estados Unidos e Israel, desviavam o olhar do leitor das transformações das sociedades árabes para questões internacionais.

Isso faz com que grande parte das transformações nas sociedades árabes passem para segundo plano, o que poderia explicar a perpetuação de clichês sobre a realidade desses povos. Podemos verificar esse fato quando comparamos a cobertura do *Le Monde* com a do *Libération*, que valoriza os depoimentos de cidadãos comuns, em detrimento de análises

³⁹ Une chose est certaine : nous ne sommes plus dans l'exceptionnalisme arabo-musulman. Les événements actuels reflètent un changement en profondeur des sociétés du monde arabe. Ces changements sont en cours depuis longtemps, mais ils étaient occultés par les clichés tenaces que l'Occident accrochait sur le Moyen-Orient.

envolvendo a política externa, permitindo uma abordagem mais clara e tangível da realidade dessas sociedades.

2.6 – *Le Figaro*

Assim como o *Le Monde*, o *Le Figaro* ainda possui alguns correspondentes internacionais e uma considerável equipe que se dedica à cobertura jornalística do Oriente Médio. Durante a queda de Mubarak, os artigos que se destacaram no jornal focaram na política francesa e suas relações com o ditador e, como no *Le Monde*, na cobertura internacional, incluindo análises com foco nos Estados Unidos, em Israel e no Irã.

Antes de começar nossa análise, com a reportagem de Anne Rovin, uma das jornalistas que fazia a cobertura do governo francês na época, vamos explicar o contexto da política francesa durante a queda de Mubarak. Nicolas Sarkozy era presidente desde 2007 e estava se preparando para disputar a reeleição no ano seguinte, em maio de 2012. Membro do principal partido de direita do país, o UMP, Sarkozy tinha como primeiro-ministro François Fillon. Uma semana antes da queda de Mubarak, Fillon admitiu que o governo egípcio havia pago uma viagem de férias para sua família. Antes de Fillon, a Ministra das Relações Exteriores, Michelle Alliot-Marie, já havia constrangido o governo, quando uma viagem feita em um jato privado, de um empresário com várias ligações com o ex-ditador da Tunísia, veio a público.

Lamia Oualalou, correspondente do *Le Figaro* no Brasil, lembra como a Primavera Árabe foi recebida nas redações do jornal em Paris, onde as interferências partidárias na redação estavam incomodando os jornalistas, principalmente os que faziam a cobertura da política interna:

Mas o impacto da Primavera Árabe foi diferente, foi muito mais na política interna, ou seja, no pessoal do Sarkozy, porque o Figaro, essa época, estava muito às ordens do Sarkozy. Era uma coisa muito chocante, você via, não necessariamente nas matérias, mas nas capas e nos editoriais. Isso provocou uma rebelião dos jornalistas, porque era demais, era “Sarkozy é inteligente, Sarkozy é bonito”, ninguém acreditava e acabava sendo contraproducente, porque pessoas de direita também não queriam ler aquilo (OUALALOU; 2013).

Como podemos perceber, havia uma preocupação muito grande com a imagem do presidente Nicolas Sarkozy durante a cobertura da queda de Mubarak. Os escândalos das viagens de férias patrocinadas pelos ditadores questionavam a ética de importantes membros do governo. Ao mesmo tempo, a aproximação das eleições pressionava os jornalistas. Anne

Rovan, que na época cobria a política interna francesa em Paris, escreveu uma reportagem⁴⁰ sobre a reação do primeiro-ministro François Fillon ao acontecido. Intitulada “Fillon homenageia Mubarak”⁴¹, o artigo traz declarações do primeiro-ministro sobre o ditador:

François Fillon se pronunciou sobre a saída de Hosni Mubarak. “Felicitó essa decisão corajosa de deixar o poder” [...] Para o chefe de governo, “cabe aos egípcios pesar as ações de Hosni Mubarak e traçar o que ele deixará na história de seu país, mas ninguém poderá contestar sua contribuição para a paz na região”⁴² (ROVAN, Le Figaro; 2011).

Na declaração, François Fillon pontua a coragem de Hosni Mubarak ao deixar o poder em nome das demandas do povo e vai ainda mais longe, assegurando o lugar do ditador como defensor da paz no Oriente Médio. Não há um questionamento por parte da jornalista à posição de Fillon, muito menos qualquer citação sobre o escândalo envolvendo sua viagem de férias patrocinada pelo Egito. A reportagem evita polêmicas que atingiriam o governo e se limita a relatar uma opinião do primeiro-ministro, que contém uma mensagem bem positiva sobre o ditador. É uma possível resposta às críticas às relações muito próximas do ditador com o governo francês.

Além da política interna, os jornalistas especializados em política internacional do *Le Figaro* também voltaram os olhos para o Cairo durante a queda de Mubarak. Podemos destacar dois jornalistas e suas reportagens: Pierre Prier, que possui dezessete anos de experiência na cobertura do continente africano e do Mundo Árabe e Delphine Minoui, jornalista de origem iraniana, que foi enviada especial durante o início da Primavera Árabe na Tunísia e cobriu os desdobramentos da queda de Mubarak como correspondente em Teerã.

O artigo de Pierre Prier⁴³, intitulado “A Queda do Líder Festejada em Todo Mundo Árabe”⁴⁴, dá uma visão geral das reações à queda de Mubarak no Mundo Árabe. Além de narrar a reação das pessoas, o texto é um dos poucos analisados que contém um depoimento de um representante da Irmandade Muçulmana:

⁴⁰ Disponível em: <http://www.lefigaro.fr/flash-actu/2011/02/12/97001-20110212FILWWW00383-fillon-nouvelle-page-en-egypte.php>. Acessado em: jun. 2013.

⁴¹ Fillon rend hommage à Moubarak.

⁴² François Fillon s'est exprimé sur le départ d'Hosni Moubarak [...] « Je tiens à rendre hommage à cette décision courageuse de quitter le pouvoir » [...] Pour le chef du gouvernement, « c'est aux Egyptiens qu'il revient d'apprécier l'action d'Hosni Moubarak et la trace qu'il laissera dans l'histoire de son pays mais personne ne pourra contester la contribution qu'il a apportée à la cause de la paix dans la région ».

⁴³ Disponível em: <http://www.lefigaro.fr/international/2011/02/11/01003-20110211ARTFIG00724-la-chute-du-raïs-fetee-dans-tout-le-monde-arabe.php>. Acessado em: jun. 2013.

⁴⁴ La chute du raïs fêtée dans tout le monde arabe.

“O porta-voz da Irmandade Muçulmana jordaniana, Jamil Abou Bakr avisou: “Essa saída deve ser uma lição para muitos regimes árabes que seguem os mesmos métodos contra seus povos”.⁴⁵ (PRIER, *Le Figaro*; 2011)

Essas palavras encontram-se no final do artigo, após o jornalista ter descrito as reações positivas à queda de Mubarak. Elas não são acompanhadas por outras considerações contendo juízo de valor sobre o que representa a Irmandade Muçulmana e mostram a organização criticando aqueles que governam oprimindo a população. Isso mostra a independência do jornalista que cobre assuntos internacionais em relação ao editorial do jornal, que foi bem taxativo sobre os males do Islã político. Esse fato está de acordo com as opiniões de Lamia Oualalou, que defende que os jornalistas que cobrem assuntos ligados à política internacional possuem maior liberdade se comparados aos que tratam de questões da política interna, mais sensíveis ao posicionamento político do *Le Figaro*.

Já o artigo de Delphine Minoui⁴⁶, correspondente em Teerã, contém muitos detalhes sobre a reação do Irã aos acontecimentos no Mundo Árabe. O fato do *Le Figaro* contar com uma jornalista que possui uma bagagem cultural iraniana, além de ser correspondente em Teerã, demonstra, mais uma vez, a importância da língua e da familiaridade com o contexto na qualidade de uma reportagem:

Nesse mesmo momento tínhamos uma mulher chamada Delphine Minoui, que era correspondente em Teerã e fala farsi e acho que a cobertura do Irã do Figaro era melhor que a do Le Monde. Isso faz uma enorme diferença, o fato de falar o idioma. Durante muito tempo, por uma visão quase colonial, os franceses não fizeram esse esforço (OUALALOU; 2013).

Intitulado “O Irã sauda a Revolta do Nilo e amordaça seus dissidentes”⁴⁷, o artigo relata como a Primavera Árabe estava sendo recebida no país, que comemorava os 32 anos da Revolução Iraniana e ainda guardava as memórias das manifestações que contestaram a reeleição do presidente conservador Mahmoud Ahmadinejad dois anos antes. A jornalista abre o artigo com o discurso do chefe de Estado sobre as revoluções:

Sexta-feira foi a vez de Mahmoud Ahmadinejad assumir o controle declarando, durante as comemorações oficiais, que “o movimento final começou”. “Nós estamos no meio de uma revolução mundial guiada pelo bem-amado”, disse, de sua tribuna,

⁴⁵ Le porte-parole des Frères musulmans jordaniens, Jamil Abou Bakr a averti : «Ce départ doit être une leçon pour beaucoup de régimes arabes qui suivent les mêmes méthodes contre leurs peuples.»

⁴⁶ Disponível em: <http://www.lefigaro.fr/international/2011/02/11/01003-20110211ARTFIG00764-l-iran-salue-la-revolte-du-nil-et-muselle-ses-dissidents.php>. Acessado em: jun. 2013.

⁴⁷ L'Iran salue la révolte du Nil et muselle ses dissidents.

em referência à Imã Mahdi, o décimo-segundo Imã xiita o qual sempre cita em suas declarações⁴⁸ (MINOUI, Le Figaro; 2011).

O otimismo de Ahmadinejad, voltado para o fato de que o povo egípcio se rebelou contra uma liderança com fortes ligações com os Estados Unidos e Israel, é posto em cheque na continuação da reportagem, quando a correspondente relata a opinião de um líder da oposição sobre a postura do governo iraniano:

“Pura apropriação política!”, contesta Hamid, um opositor iraniano, denunciando o que ele chama de “duplo jogo” das autoridades. “Por um lado, o regime iraniano castiga abertamente Mubarak, comparando a contestação egípcia com a revolução antixá do Irã de 1979. Por outro, se abstém de criticar a tortura de seus opositores, a censura da mídia, o bloqueio da Internet e todos esses métodos que lembram aqueles de seu próprio aparelho repressivo”⁴⁹ (MINOUI, Le Figaro; 2011).

A jornalista faz uma reportagem que reflete sua familiaridade com o país, valorizando o pluralismo de ideias, deixando as críticas e considerações sobre o regime para um representante da oposição local. Por outro lado, Minoui não deixa de citar a Revolução Verde, que havia contestado a vitória de Ahmadinejad em 2009 e se desenrolou com a ajuda das redes sociais e da mobilização de grande parte da população, de forma bem semelhante à Primavera Árabe. A segunda parte de sua reportagem revela a inquietude do governo sobre a possibilidade dos protestos chegarem ao país, retomando as manifestações de dois anos antes:

[...] a oposição iraniana depositou um pedido oficial para organizar sua própria manifestação, segunda-feira, dia 14, “em solidariedade aos movimentos dos povos da região”. Para alguns esse é um chamado para relançar a “Revolução Verde”, nascida das manifestações pós-eleitorais do verão de 2009 [...] Preso às suas declarações, o poder de Teerã não autorizou, nem proibiu, a manifestação. Por outro lado, ele atentou a amordaçar o máximo de vozes dissidentes⁵⁰ (MINOUI, Le Figaro; 2011).

⁴⁸ Vendredi, ce fut au tour de Mahmoud Ahmadinejad de prendre la relève en déclarant, à l'occasion des commémorations officielles, que «le mouvement final a commencé». «Nous sommes au milieu d'une révolution mondiale guidée par le bien-aimé», a-t-il précisé, depuis sa tribune, en référence à l'imam Mahdi, le douzième imam chiite auquel il fait régulièrement allusion dans ses déclarations.

⁴⁹ «De la pure récupération politique ! », s'insurge Hamid, un opposant iranien, en dénonçant ce qu'il appelle le «double jeu» des autorités. «D'un côté, le régime iranien fustige ouvertement Mubarak, en comparant la contestation égyptienne à la révolution antichah d'Iran de 1979. De l'autre, il s'abstient de critiquer la torture de ses opposants, la censure de ses médias, le blocage de l'Internet et toutes ces méthodes qui ressemblent à celles de son propre appareil répressif.»

⁵⁰ [...] l'opposition iranienne a déposé une demande officielle pour organiser sa propre manifestation, le lundi 14 février, «en solidarité avec les mouvements des peuples de la région». Pour certains, cet appel est une occasion de relancer la «vague verte» née des manifestations postélectorales de l'été 2009 [...] Pris au piège de ses propres déclarations, le pouvoir de Téhéran n'a, à ce jour, ni autorisé ni interdit ce rassemblement. En revanche, il s'est empressé de museler au maximum les voix dissidentes.

Ao citar a possibilidade dos protestos chegarem ao Irã, a jornalista foca na difícil posição do governo para controlar a situação sem agir de maneira incoerente. Por causa das declarações de apoio aos movimentos, em um suposto processo de apropriação do discurso dos manifestantes do Mundo Árabe, os líderes iranianos ficaram de mãos atadas, recorrendo à máquina de repressão do governo em prática para “amordaçar” os dissidentes. Essa é uma posição bem crítica ao governo de Teerã, que sem as devidas justificativas poderia deixar o texto em aberto para o leitor não familiarizado com a realidade do país pensar nas mais variadas formas de repressão possíveis, influenciados pelo senso comum. É nesse momento que se percebe a importância de uma correspondente com o perfil de Minoui, que consegue relatar detalhes da repressão do governo detalhadamente:

Mehdi Karoubi, uma das figuras principais da contestação, está em prisão domiciliar há dois dias. Sua linha telefônica está momentaneamente cortada. Um dúzia de membros e apoiadores da oposição iraniana foram igualmente presos no fim de semana, dentre eles o jornalista Maziar Khosravi e o estudante Payam Aref. Quanto ao serviço em persa da televisão BBC, acessível clandestinamente por satélite, seus programas estão borrados há dois dias⁵¹ (MINOUI, Le Figaro; 2011).

Com isso podemos concluir que a cobertura jornalística do *Le Figaro* teve, em geral, considerável participação de jornalistas com experiência em questões orientais. Isso faz com que as palavras de Lamia Oualalou sobre a menor interferência da ideologia política mais conservadora do jornal se limite à política interna e, é claro, ao editorial. No editorial, o jornal focou na preocupação com a falta de organização das rebeliões, no perigo dos extremistas islâmicos e na importância do exército na manutenção da ordem no país. Enquanto isso, os relatos dos correspondentes e jornalistas especializados na cobertura internacional, prezaram pelo pluralismo das opiniões e por uma visão que não priorizou tanto o ponto de vista local egípcio como a do *Libération*, mas também não se limitou a uma cobertura voltada tanto para a política externa centrada no Ocidente, como podemos perceber no *Le Monde*.

É importante reforçar que os diferentes recursos e estruturas de cada jornal analisado influenciaram na forma como a queda de Mubarak foi noticiada, às vezes mais do que as diferentes posições ideológicas que esses jornais representam na França. Dessa forma,

⁵¹ Mehdi Karoubi, l'une des figures de proue de la contestation, est depuis deux jours soumis à l'isolement à son domicile de Téhéran. Sa ligne téléphonique est momentanément coupée. Une dizaine de membres ou proches de l'opposition iranienne ont également été arrêtés en fin de semaine, parmi lesquels le journaliste Maziar Khosravi et l'étudiant Payam Aref. Quant au service en persan de la télévision BBC, accessible clandestinement par satellite, ses programmes sont brouillés depuis deux jours.

podemos concluir que um dos principais diferenciais na cobertura de eventos em realidades completamente diferentes das dos países dos meios de comunicação é a presença de enviados especiais, correspondentes e jornalistas com vasta experiência nas regiões.

Isso deve se tornar cada vez mais difícil manter para os jornais que não conseguirem se adaptar às mudanças do mercado, como aconteceu com o *Libération* nos últimos anos. O principal jornal da esquerda francesa perdeu sua correspondente no Cairo e, provavelmente, não poderia cobrir eventos no Mundo Árabe com a mesma qualidade atualmente.

2.7 – Estados Unidos: *Time Magazine*

Terminada a análise dos grandes jornais franceses, que nos deu uma visão mais detalhada sobre como a grande mídia impressa de uma potência ocidental relatou um dos acontecimentos mais importantes da Primavera Árabe, a queda de Hosni Mubarak, vamos analisar uma reportagem da *Time*, uma das mais importantes revistas norte-americanas. Essa análise se faz pertinente pela crescente influência dos Estados Unidos na região durante o final do século XX e início do século XXI, culminando nas guerras no Iraque e Afeganistão. Edward Said, que foi um dos maiores estudiosos da relação entre Oriente e Ocidente, defende que essa maior influência resultou no “endurecimento das atitudes, [...] do clichê triunfalista, a supremacia da força bruta aliada a um desprezo simplista pelos opositores e pelos “outros”” (SAID, 2007; p. 14). Essa relação, mais recente e conturbada dos países árabes com os Estados Unidos, traz um grande obstáculo para se relatar um evento como as revoluções árabes, envoltas em valores como democracia e justiça, muito distantes do senso comum norte-americano sobre a região.

A *Time* é uma das revistas semanais de maior circulação nos Estados Unidos, com uma tiragem média de 3.250.000 exemplares, segundo dados da publicação⁵². Desde 1927, os editores da revista escolhem uma “pessoa do ano” para ilustrar a capa da última edição de dezembro. O título já foi dado para a maioria dos presidentes americanos, para cientistas como Albert Einstein e para grupos de pessoas, como os soldados americanos que lutaram na Guerra da Coreia.

⁵² Disponível em: <http://www.timemediakit.com/pdf/abc-statement-time-2H11.pdf>. Acessado em: jun. 2013.

Um ano após o início da Primavera Árabe, no dia 26 de dezembro de 2011, a revista escolheu “o manifestante” como pessoa do ano. A fotografia que inspirou a capa da edição⁵³ retrata uma norte-americana com o rosto coberto, durante protestos do movimento Occupy Wall Street, em Los Angeles. Pode-se questionar se a escolha da mulher ocidental com o rosto coberto faz alusão às mulheres árabes, com o típico véu cobrindo parte do rosto e os cabelos. Dessa forma, a imagem mesclaria Ocidente e Oriente, em um notório esforço para interligar a Primavera Árabe com os protestos contra a austeridade na Europa e o Occupy Wall Street nos Estados Unidos. Essa interligação fica explícita no subtítulo da edição: “Da Primavera Árabe para Atenas, do Occupy Wall Street para Moscou”⁵⁴ (Time; 2011) e, como veremos, no relato cronológico da reportagem de capa, garantindo reconhecimento e um lugar de vanguarda ao povo árabe na reportagem.

A introdução da reportagem principal⁵⁵ foi escrita por Rick Stengel, editor-chefe da revista desde 2006. O texto de uma página faz um resumo das manifestações que ocorreram em 2011 e, desde o primeiro parágrafo, contém a premissa de que a Primavera Árabe criou uma atmosfera de contestação que extrapolou as fronteiras entre Oriente e Ocidente:

Ninguém poderia adivinhar que, quando um vendedor de frutas tunisiano ateasse fogo em si mesmo em uma praça pública, ele iria causar protestos que poderiam derrubar ditadores na Tunísia, Egito e Líbia e balançar os regimes na Síria, Iêmem e Barein. Ou que esse espírito de dissidência iria fazer mexicanos se unirem contra o terror dos cartéis de drogas, gregos marcharem contra líderes irresponsáveis, americanos ocuparem espaços públicos para protestar contra a desigualdade financeira e russos marcharem contra uma corrupta autocracia⁵⁶ (STENGEL, 2011).

Desde o primeiro momento, o jornalista aponta para existência de um “espírito de dissidência” criado no Mundo Árabe com o intuito de lutar por melhores condições de vida e democracia e que chegou aos outros países com diferentes propósitos. No México, contra a violência do narcotráfico, na Grécia, contra o governo irresponsável que levou o país a uma

⁵³ Disponível em: <http://www.bagnewsnotes.com/files/2011/12/TIME-Person-of-the-Year-The-Protester.jpg>. Acessado em: jun. 2013.

⁵⁴ From the Arab Spring to Athens From Occupy Wall Street to Moscow.

⁵⁵ Disponível em: http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2101745_2102139_2102380,00.html. Acessado em: jun. 2013.

⁵⁶ No one could have known that when a Tunisian fruit vendor set himself on fire in a public square in a town barely on a map, he would spark protests that would bring down dictators in Tunisia, Egypt and Libya and rattle regimes in Syria, Yemen and Bahrain. Or that that spirit of dissent would spur Mexicans to rise up against the terror of drug cartels, Greeks to march against unaccountable leaders, Americans to occupy public spaces to protest income inequality, and Russians to marshal themselves against a corrupt autocracy.

grave crise econômica, nos Estados Unidos, contra um sistema financeiro que se tornou símbolo da desigualdade e na Rússia, contra um sistema eleitoral duvidoso.

Apesar das realidades diferentes de cada país citado, o jornalista aponta para o fato de que “apesar de entendida de maneira diferente dependendo do lugar, a ideia de democracia estava presente em todas as aglomerações”⁵⁷ (STENGEL, 2011). A luta pela ideia de democracia revela uma ineficiência generalizada, a falta de representatividade de diversos governos, que não conseguiam atender aos interesses do povo. Seguindo esse raciocínio, o editor-chefe da revista revela a razão pela qual “o manifestante” foi escolhido como “pessoa do ano”:

Os políticos não conseguem enxergar através das próximas eleições e recusam fazer escolhas difíceis. Essa é a razão de não termos escolhido um indivíduo esse ano. Mas a liderança veio da base da pirâmide, não do topo. [...] por dirigir o planeta para um caminho mais democrático, apesar de, às vezes, mais perigoso, no século XXI, o manifestante é a Pessoa do Ano de 2011 da Time⁵⁸ (STENGEL, 2011).

No último trecho de sua introdução, Rick Stengel aponta para a impotência dos governos frente à força do povo, sem deixar de ressaltar que, os resultados dessa avalanche democrática, podem ser perigosos. É nesse ponto que percebemos uma preocupação com a eficácia dessas demonstrações, que atingem a ordem e o status quo, algo comparável com o tom do editorial do *Le Figaro*. A eficácia de grandes manifestações também foi abordada, com mais detalhes, na reportagem principal⁵⁹, escrita por Kurt Andersen:

As duas décadas a partir de 1991 testemunharam o maior aumento do padrão de vida que o mundo já viu. O crédito era fácil, complacência e apatia predominavam e manifestações nas ruas pareciam demonstrações coadjuvantes sem sentido – obsoletas, o equivalente à cavalaria nas guerras de meados do século XX. As raras manifestações no mundo rico pareciam ineficazes e irrelevantes. “Manifestações massivas e eficazes” eram um oxímoro global, até que – de repente, de maneira chocante – começando há exatamente um ano, se transformaram na metáfora que define nosso tempo. E o manifestante voltou a definir a história⁶⁰ (ANDERSEN, 2011).

⁵⁷ And although it was understood differently in different places, the idea of democracy was present in every gathering.

⁵⁸ Politicians cannot look beyond the next election, and they refuse to make hard choices. That's one reason we did not select an individual this year. But leadership has come from the bottom of the pyramid, not the top. For capturing and highlighting a global sense of restless promise, for upending governments and conventional wisdom, for combining the oldest of techniques with the newest of technologies to shine a light on human dignity and, finally, for steering the planet on a more democratic though sometimes more dangerous path for the 21st century, the Protester is TIME's 2011 Person of the Year.

⁵⁹ Disponível em: http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2101745_2102132,00.html. Acessado em: jun. 2013.

⁶⁰ The two decades beginning in 1991 witnessed the greatest rise in living standards that the world has ever known. Credit was easy, complacency and apathy were rife, and street protests looked like pointless emotional

Considerado um dos mais importantes liberais dos Estados Unidos em 2009⁶¹, Kurt Andersen é escritor e já havia publicado onze artigos na *Time*. Em uma entrevista concedida ao editor-chefe da revista, ele revela que ambos viajaram para a Tunísia e para o Egito em outubro de 2011, para colher informações sobre as revoluções. Após expor a volta dos protestos de rua, Kurt Andersen delineou as semelhanças e diferenças entre a Primavera Árabe e os protestos ocidentais que a sucederam:

Os manifestantes do Oriente Médio e do norte da África estão, literalmente, morrendo para terem sistemas políticos que, mais ou menos, se assemelham aos sistemas que parecem intoleravelmente antidemocráticos para os manifestantes de Madri, Atenas, Londres e Nova York. [...] É notável o quanto a vanguarda das manifestações compartilham. Em todo lugar, elas são desproporcionalmente jovens, de classe média e instruídos. [...] eles usaram a internet para se encontrar e para tomar as ruas para perseverar por equidade e (no Mundo Árabe) liberdade⁶² (ANDERSEN, 2011).

Entre as semelhanças, o perfil dos manifestantes: jovens, instruídos, de classe média, conectados pela Internet. Entre as diferenças, a maior repressão no Mundo Árabe e o fato dos manifestantes árabes estarem lutando por um sistema que já é questionado no Ocidente, além de serem os únicos lutando por liberdade. Vamos começar questionando as semelhanças: na maioria dos relatos analisados nos artigos de jornais franceses, as manifestações da Primavera Árabe causavam surpresa pelo pluralismo e heterogeneidade de seus participantes. Já o discurso do jovem revolucionário e instruído de classe média da *Time* e “as declinações diretas desse conceito, contribuem para deslegitimar o caráter popular dessas revoluções, as reduzindo a obras de jovens blogueiros pacíficos pertencentes a uma certa elite urbana”⁶³ (AYARI e GEISSER, 2011; p. 36).

sideshows – obsolete, quaint, the equivalent of cavalry to mid-20th-century war. The rare large demonstrations seemed ineffectual and irrelevant. “Massive and effective street protest” was a global oxymoron until – suddenly, shockingly – starting exactly one year ago, it became the defining trope of our times. And the protester became once again a maker of history.

⁶¹ Disponível em: http://www.forbes.com/2009/01/22/influential-media-obama-oped-cx_tv_ee_hra_0122liberal_slide_3.html. Acessado em: jun. 2013.

⁶² The protesters in the Middle East and North Africa are literally dying to get political systems that roughly resemble the ones that seem undemocratic to protesters in Madrid, Athens, London and New York City [...] It’s remarkable how much the protest vanguards share. Everywhere they are disproportionately young, middle class and educated. [...] they used the Internet to find one another and take to the streets to insist on fairness and (in the Arab world) freedom.

⁶³ Les déclinaisons diverses de ce concept contribuent à délégitimer le caractère populaire de ces révolutions, les réduisant à l’œuvre de jeunes blogueurs pacifiques appartenant à une certaine élite urbaine.

No campo das diferenças, enxerga-se uma clara linha dividindo as manifestações ocidentais e orientais. No Oriente, manifestar-se é arriscar a vida em nome da liberdade, enquanto no Ocidente muito menos está em jogo, os manifestantes só estariam indignados com algumas características de seus sistemas políticos e econômicos. Nesse ponto, podemos questionar o conceito de liberdade usado por Stengel, explicitado mais adiante, quando ele afirma que “o Oriente Médio e o norte da África permaneceram como o cinturão mundial da tirania: no final de 2010, a *Freedom House* considerava três quartos dos países árabes como “não-livres” – incluindo Tunísia e Egito”⁶⁴ (ANDERSEN, 2011).

O autor baseia a existência de liberdade em um país na classificação da organização não governamental norte-americana *Freedom House*. De acordo com a revista inglesa *The Economist*⁶⁵, a organização, criada em 1941, é criticada pelo fato de 80% de seus recursos saírem dos cofres públicos norte-americanos e por suas estatísticas⁶⁶ serem influenciadas pela política externa americana: em 2013, países como Venezuela, Rússia e China e a maioria dos países árabes eram considerados “não-livres”. No site da organização⁶⁷, pode-se, facilmente, identificar essa tendência: “Nós advogamos pela liderança dos Estados Unidos e colaboramos com governos que possuem os mesmos valores para combatermos vigorosamente ditadores e opressão”⁶⁸ (FREEDOM HOUSE, 2013).

Após tentar definir as motivações dos movimentos, Kurt Andersen faz um apanhado sobre a Primavera Árabe, colhendo relatos de participantes das manifestações e segue comentando, cronologicamente, a propagação da onda de contestação em outros países. Quando chega ao Occupy Wall Street, movimento que tomou as ruas de Nova York para protestar contra a ganância do sistema financeiro em setembro de 2011, o escritor sublinha as influências do Egito e a importância das redes sociais e da mídia alternativa na divulgação dos protestos. Dentre as mensagens difundidas no Facebook, Twitter e por e-mail, estavam: “Qual o seu pedido?, #occupywallstreet, 17 de Setembro, traga tenda”⁶⁹ (ANDERSEN, 2011)

⁶⁴ The Middle East and North Africa remained the world’s tyranny belt: at the end of 2010, Freedom House declared three-fourths of the Arab countries “not free”- including Tunisia and Egypt.

⁶⁵ Disponível em: <http://www.economist.com/node/10534384>. Acessado em: jun. 2013.

⁶⁶ Disponível em: <http://www.freedomhouse.org/sites/default/files/FIW%202013%20Charts%20and%20Graphs%20for%20Web.pdf>. Acessado em: jun. 2013.

⁶⁷ Disponível em: <http://www.freedomhouse.org/>. Acessado em: jun. 2013.

⁶⁸ We advocate for U.S. leadership and collaboration with like-minded governments to vigorously oppose dictators and oppression. We amplify the voices of those struggling for freedom in repressive societies and counter authoritarian efforts to weaken international scrutiny of their regimes.

⁶⁹ What is our one demand? #occupywallstreet September 17th. Bring tent.

e “Os Estados Unidos precisa de sua Tahrir”⁷⁰ (ANDERSEN, 2011). Dessa forma, os manifestantes que ocuparam o Zucotti Park em Manhattan, acabaram seguindo a linha dos protestos no Egito e na Espanha, onde “a marcha de um dia [...] se tornou um acampamento autogovernado – uma das novas características que definem a marca da resistência coletiva de 2011”⁷¹ (ANDERSEN, 2011).

Por fim, a *Time*, garante o lugar de destaque nos Estados Unidos sublinhando a importância das redes sociais para as manifestações, abrindo espaço para o autor coroar os o país como um outro protagonista da história, ao lado do Mundo Árabe. A mudança do intervencionismo militar das décadas passadas, para uma intervenção pela globalização e pela produção tecnológica, justifica esse protagonismo, expresso em um dos últimos parágrafos da reportagem:

A grande contribuição dos Estados Unidos para fomentar a liberdade no exterior no século XXI não foi impondo-a militarmente, mas possibilitando-a tecnologicamente, como um fenômeno da globalização. E, depois, a globalização retornou o favor, transformando revoluções democráticas em países em desenvolvimento, em inspiração para o mundo rico⁷² (ANDERSEN, 2011).

A globalização, impulsionada pelos Estados Unidos, teria fomentado a liberdade em países pobres e inspirado o mundo rico. Dessa forma, a reportagem cria um novo papel-chave de destaque para os Estados Unidos na região, por meio de sua importância na globalização. Um papel muito mais honroso e moderno do que quando o país priorizava as intervenções militares e as ajudas financeiras para manter aliados na região, bastante citadas nos jornais franceses e omitidas pela *Time*.

2.8 – Brasil: *O Globo* e *Veja*

Finalmente, vamos analisar duas relevantes amostras da cobertura jornalística da Primavera Árabe na grande mídia brasileira: o editorial do jornal *O Globo* do dia após a queda de Mubarak e a reportagem da revista *Veja*, sobre o mesmo evento. O Brasil é um país com menos interesses econômicos e políticos no Oriente Médio e no norte da África, se

⁷⁰ America needs its own Tahrir.

⁷¹ Spain’s one-day march turned into a months-long self-governing encampment – one of the new defining characteristics of 2011’s brand of communal resistance.

⁷² America’s great 21st century contribution to fomenting freedom abroad was not imposing it militarily but enabling it technologically, as an epiphenomenon of globalization. And for a second act, globalization returned the favor, turning democratic uprisings in developing countries into inspirational exports for the rich world.

comparado com França e Estados Unidos. Exatamente pela Primavera Árabe ter menos relevância na política externa e interna do Brasil, a análise da cobertura brasileira, mesmo que superficial, pode revelar novas abordagens do Oriente pela mídia ocidental.

Segundo dados do Instituto Verificador de Circulação⁷³, *O Globo* é o terceiro jornal de maior circulação do Brasil, com mais de 266 mil exemplares vendidos diariamente. Já a revista *Veja*, é a publicação semanal de maior circulação do país, com uma tiragem de quase 1.200.000 exemplares, segundo dados da Publiabril⁷⁴.

O editorial de *O Globo* do dia 12 de fevereiro de 2011 seguiu os editoriais dos jornais franceses e trouxe uma análise do momento vivido pelo Egito após a queda de seu ditador. Apesar da menor relevância do fato no Brasil, quase toda a capa do jornal foi dedicada ao acontecimento. Destacavam-se uma grande foto de mulheres comemorando a queda do ditador e a manchete: “A Praça derruba o ditador” (O Globo, 2011). Já o editorial, intitulado “Egito vive dia histórico para o mundo” (O Globo, 2011), foca no triunfo da população egípcia e, logo em seu início, tenta definir um significado para o acontecimento:

[...] pode significar o fim de um modelo falido no mundo árabe e, espera-se, da ideia de que o Ocidente necessita de ditadores árabes para segurar o radicalismo religioso islâmico e sua obsessão pela jihad terrorista. (Editorial, O Globo, 2011; p.02)

O editorial aponta para o perigo do extremismo islâmico, sublinhando o fato de as ditaduras do mundo árabe terem sido, muitas vezes, justificadas para impedir que islamitas chegassem ao poder. É uma visão que não leva em conta as transformações na sociedade egípcia, mas, sim, prioriza delinear o que deve ser evitado e não o que pode ser construído a partir da revolução. Além disso, a menção à guerra santa terrorista soa um pouco alarmista e genérica demais. Como já foi exposto, a confusão entre a islamização das sociedades árabes e a radicalização da política é recorrente na mídia ocidental, mas não condiz com a realidade. De acordo com a análise do artigo de Oliver Roy, do *Le Monde*, a islamização das últimas décadas acabou com o monopólio do discurso religioso dos islamitas, causando, na verdade, o enfraquecimento de posições ideológicas mais extremas na política. Em outro trecho, o jornal tenta delimitar os motivos pelos quais os árabes foram às ruas:

⁷³ Disponível em: <http://www.ivcbrasil.org.br/>. Acessado em: jun. 2013.

⁷⁴ Disponível em: <http://www.publiabril.com.br/tabelas-gerais/revistas/circulacao-geral>. Acessado em: jun. 2013.

O povo egípcio saiu às ruas em busca de tudo a que tinha direito: democracia, liberdade, dignidade, empregos, oportunidades, justiça, fim da corrupção, melhoria nas condições de vida. Mas também de transparência e modernidade que vislumbrava em países democráticos, abertos. (Editorial, O Globo, 2011; p.02)

Após enumerar diversos problemas que decorrem da falta de democracia e de um governo ineficaz em meio a uma crise econômica, *O Globo* menciona a transparência e a modernidade como características de países democráticos e abertos que seriam vislumbradas pelos árabes. Percebe-se uma clara tentativa de criar um contraste, uma barreira entre Ocidente e Oriente, com o segundo vislumbrando características do primeiro. Essa suposta busca por modernidade dialoga com a reportagem da *Time*, quando ela afirma que uma elite urbana globalizada liderou os protestos, em detrimento de seu teor popular. Em um outro trecho do editorial de *O Globo*, esse diálogo se confirma: “A revolução da Praça Tahrir é a vitória da juventude sobre a velha guarda autocrática e militarista, do smart power sobre o hard power” (Editorial, O Globo, 2011; p.02).

Após considerar os protestos populares como obra de uma juventude conectada, *O Globo* ainda sublinha a postura dos Estados Unidos como crucial para as revoluções. A postura menos intervencionista dos Estados Unidos, muito debatida no *Le Monde* e no *Le Figaro*, é apontada como um dos fatores que permitiram com que a revolução fosse um sucesso: “Os Estados Unidos, aliados desde sempre de Mubarak, se reciclaram e pressionaram pela saída do ditador” (Editorial, O Globo, 2011; p.02).

Finalmente, o editorial se encerra com dois apelos: contra o golpismo e contra Francis Fukuyama, autor do polêmico *O fim da História e o último homem*:

Que não se caia na tentação do golpismo ou naquela que levou o cientista americano Francis Fukuyama, após a queda do Muro de Berlim, a escrever o livro “O fim da História e o último homem”, em que proclamava a vitória definitiva do liberalismo político e econômico. Deu com os burros n’água (Editorial, O Globo, 2011; p.02).

Fim da história, *jihad* terrorista, política externa americana, o editorial de *O Globo* é ambicioso ao tratar de temas tão complexos, em vez de focar em elementos mais tangíveis da revolução, como fizeram os jornais franceses. A Irmandade Muçulmana e o exército que iria permanecer temporariamente no poder não são citados, por exemplo. Em seu livro *Orientalismo*, Edward Said parece estar criticando exatamente o teor do editorial de *O Globo* quando define o quão nociva pode ser uma abordagem generalizante e superficial sobre os países árabes:

Especialistas políticos combativos e deploravelmente ignorantes, cuja experiência de mundo se limita a livros superficiais [...] sobre “terrorismo” e liberalismo, ou sobre o fundamentalismo islâmico e a política externa americana, ou sobre o fim da história, tudo isso competindo pela atenção do público e sem a menor preocupação com a confiabilidade ou reflexão ou autêntico conhecimento (SAID, 2007; p.17).

Na semana da queda de Mubarak, a revista *Veja* publicou uma matéria intitulada “A espada se impôs à praça”⁷⁵ (SCHELP, 2011). O título contrasta com o do editorial de *O Globo*, que sublinha como a praça acabou tirando Mubarak do poder. Já na reportagem, o fato do exército ter assumido o governo de forma temporária prevalece sobre o teor popular da revolução. É importante sublinhar que, a revista também não demonstra apreço pelo fato do exército ter chegado ao poder mantendo certa ordem no país, como fez o jornal *Le Figaro*.

De todas as matérias analisadas, a da *Veja* é uma das únicas que não contém um teor otimista sobre a situação no Egito. A revolução popular movida pela democracia, acaba sendo considerada um golpe militar sem muita importância, que só suscita dúvida: “O golpe militar que derrubou o ditador egípcio Hosni Mubarak apenas adia a questão central: o que acontecerá se os radicais islâmicos chegarem ao poder no Cairo?” (SCHELP, 2011)

Quem assina a matéria é o jornalista Diogo Schelp, editor-executivo da *Veja*, conhecido por ter escrito a matéria de capa “Che – A farsa de um mito”, em 2007. Nenhuma de suas reportagens anteriores é focada no Mundo Árabe. O jornalista adota uma postura muito crítica aos países árabes, baseando toda a sua abordagem no perigo representando pelos radicais islâmicos. Como já vimos no editorial do *Le Figaro* e de *O Globo*, o jornalista não vê compatibilidade entre o conceito de democracia e partidos islamitas, mas vai além, considerando a sociedade egípcia como sendo incapaz de escolher representantes que prezem pela democracia.

Eleger um governo pelo voto majoritário é possível no Egito. Eleger um governo por esse método, porém, não significa instalar uma democracia no Cairo. As razões são simples e sobejamente conhecidas. A maioria dos eventuais eleitores egípcios tem simpatia pela Irmandade Muçulmana, de cuja agenda não consta um item sequer daqueles que, para os ocidentais, definem a democracia. (SCHELP; 2011)

As afirmações do jornalista são, no mínimo paradoxais. Como um povo que sai às ruas e derruba um ditador, que representava um regime falido, não possui maturidade para

⁷⁵ Disponível em: <http://resumoulisses.blogspot.com.br/2011/03/espada-se-impos-praca.html>. Acessado em: jun. 2013.

eleger seus representantes? Ao defender que, por serem simpatizantes da Irmandade Muçulmana, os egípcios não possam ter um governo democrático, o jornalista subestima o poder das demandas populares da revolta, recorrendo a clichês sobre a Irmandade Muçulmana para justificar seu ponto de vista. Além disso, relativiza o conceito de democracia sob ponto de vista ocidental, questionando os itens que definiriam a democracia e que estariam ameaçados em um eventual governo islamita:

Liberdade de culto religioso, que permitisse a construção de uma sinagoga judaica ou catedral católica no Cairo? Liberdade de expressão, que possibilitasse a publicação nos jornais de charges com a representação gráfica de Alá? Liberdade para as mulheres frequentarem as praias de biquíni ou usarem minissaia nas ruas? Liberdade para defender a existência do estado de Israel? (SCHELP; 2011)

Utilizando estereótipos bem simplistas, o jornalista desvirtua totalmente sua análise do momento no Egito e ela acaba se tornando uma sucessão de questionamentos levianos sobre a realidade árabe. Afinal, desde quando a permissão do uso do biquíni ou de uma minissaia foi essencial para uma democracia existir? Em vez de questionar e debater a liberdade nos países árabes e as diferenças culturais que existem entre a realidade brasileira e a egípcia para leitores, Diogo Schelp se limita a transmitir uma mensagem pessimista e deturpada sobre a religião muçulmana, dias após uma revolução popular ter acabado com uma ditadura que durou trinta anos.

Apesar da pequena amostra analisada sobre a mídia brasileira, podemos ter uma ideia de como a Primavera Árabe teve certo impacto no país, como vimos em *O Globo*, que dedicou praticamente toda a capa da edição do dia 12 de fevereiro à queda de Mubarak. Além disso, o editorial do jornal, apesar de se mostrar muito generalizante e pouco factual, cumpriu o papel de sublinhar a importância desse momento para as sociedades árabes.

No caso da *Veja*, a revista optou por não investir em um enviado especial para produzir uma matéria contendo depoimentos e detalhes sobre o acontecido no Egito. Em vez disso, um jornalista que não possuía nenhuma experiência com as questões do Mundo Árabe assumiu a reportagem e acabou ignorando a maioria das questões debatidas nos outros veículos analisados. O texto da *Veja* se limitou a criticar a possibilidade de um governo islamita chegar ao poder, paradoxalmente questionando a capacidade de um povo que tinha acabado de sair às ruas em nome da democracia, de viver em uma democracia. Além disso, a

Veja foi o único veículo analisado que considerou a revolução que derrubou Mubarak como um golpe militar, esvaziando a conquista do povo egípcio.

Assim como a *Time* nos Estados Unidos, a *Veja* ocupa um papel muito importante no jornalismo brasileiro, com um grande público de classe média alta (71% dos seus leitores pertencem às classes A ou B, segundo dados da publicação⁷⁶). Apesar disso, enquanto a revista norte-americana reconhece a importância histórica do momento, convocando um conhecido escritor liberal para assinar a reportagem, a revista brasileira convoca seu editor-executivo sem experiência com o Mundo Árabe, que acaba dando um relato muito conservador e superficial sobre a realidade no Egito. Isso pode ser um indício de como o momento nos Estados Unidos, em que o pensamento mais liberal e progressista é a tendência, permite com que temas controversos, como os ligados ao Oriente Médio, sejam debatidos de maneira mais livre. No Brasil, ainda deve existir uma tolerância maior com esse pouco caso da *Veja*, fruto, talvez, de uma resignação com a grande mídia, muito centralizada, pouco democrática, com claras tendências conservadoras em questões políticas.

⁷⁶ Disponível em: <http://www.publiabril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>. Acessado em: jul. 2013.

3. – Contexto Histórico da Primavera Árabe

A análise midiática da Primavera Árabe revelou diversas características da relação entre o Ocidente e o Oriente. Apesar das diferentes abordagens analisadas, pode-se dizer que as revoluções nesses países causaram uma surpresa generalizada nos países ocidentais, que tiveram, na maioria das vezes, cuidado ao definir significados para o acontecido e para o que estava por vir.

Por outro lado, a recorrente preocupação com a ordem na região, com o Estado de Israel, com o extremismo islâmico, demonstram o quanto está em jogo quando o Mundo Árabe passa por um momento de turbulência. Nas reportagens analisadas, a história da relação entre Ocidente e Oriente foi pouco debatida, somente lembrada em artigos como o de Oliver Roy do *Le Monde*, que destrinchou a reislamização das sociedades árabes e como ela foi recebida no Ocidente, ou ainda quando se citou as relações entre as ditaduras na região com diversos governos ocidentais.

Sendo assim, é necessário expor um pouco do contexto histórico que envolve o Ocidente e o Mundo Árabe, relacionando-o com o que se constatou com a análise midiática. Para isso, recorreremos a autores como Edward Said, Samir Kassir e Samir Amin, que explicam essa relação envolta em estereótipos, relações de poder e preconceitos.

3.1 – O Ocidente e o Outro

O Mundo Árabe se estende por mais de um continente, do norte da África, passando pelo Oriente Médio, chegando à Turquia, englobando mais de 200 milhões de indivíduos. Apesar do Islamismo ser a religião mais importante da região, consideráveis minorias habitam os países árabes, como no Líbano, onde o governo é compulsoriamente dividido entre muçulmanos e cristãos. Consequentemente, o mais importante denominador comum dos países que formam o bloco é o idioma árabe e, não, a religião muçulmana. A língua permitiu que a identidade árabe fosse desenvolvida em conjunto pelos países da região, mesmo que manifesta de maneiras diferentes em cada lugar, resultando na criação de diferentes versões do árabe, nem sempre compreensíveis entre si.

Por outro lado, a localização do Mundo Árabe, que guarda importantes passagens entre o Ocidente e o Oriente, também é considerada um dos maiores determinantes de sua história. Essa geografia foi decisiva no desenvolvimento das relações entre o Oriente Médio e

o norte da África com a Europa. As passagens abriram caminho para as Cruzadas, no século XI, já apontando para o fato de que o elemento religioso iria ser decisivo para delimitar as fronteiras entre Ocidente e Oriente, afinal, desde então, predominava a crença de que “todos os lugares pertencem a Deus, mas a Terra Santa em especial, pois Jesus elegeu “aquele país para palmilhá-lo com seus abençoados pés”” (GREENBLATT, 1996, p.48).

A proximidade com o velho continente, também permitiu que a região se tornasse “a única parte do mundo colonial que confrontou a Europa na era pré-colonial e que dominou esse confronto por longos períodos”⁷⁷ (KASSIR, 2006; p.68). O maior exemplo disso foi a invasão moura e árabe na Península Ibérica, que começou no século VIII e só se findou com a reconquista de Granada, em 1492. Com o passar dos séculos, a questão geográfica continuou a ser fundamental para a região, seja pela inalterável proximidade com a Europa, seja pela localização de enormes reservas de petróleo, que substituíram a importância econômica das rotas comerciais no passado.

Dessa forma, podemos concluir que a proximidade entre o Mundo Árabe com o Ocidente criou a necessidade dos europeus se diferenciarem dos Outros, os habitantes do outro lado do Mediterrâneo. Criou-se então, estereótipos, como se uma linha imaginária entre as duas regiões tivesse sido traçada, estabelecendo um antagonismo que perdura até hoje:

Por causa do fato de que não há uma linha real entre si mesmo e o Outro, uma linha imaginária deve ser desenhada para que a ilusão de uma absoluta diferença entre si mesmo e o outro nunca seja perturbada, essa linha é dinâmica e pode se alterar assim como pode-se alterar a si mesmo⁷⁸ (Gilman, 1985; p.18).

A possibilidade dessa linha se alterar é essencial para que a relação antagônica entre o pensamento eurocêntrico e o Mundo Árabe perdure, já que eventuais mudanças em si mesmo ou no Outro não seriam o suficiente para possibilitar a formação de um campo comum entre as duas metades. Essa necessidade tão grande de se diferenciar dos Outros criou o Oriente, baseado nos interesses ocidentais. Sendo assim, tanto as experiências pré-coloniais quanto a submissão que se instaurou após o domínio europeu ajudaram na construção desse discurso,

⁷⁷ the only part of the colonial world to have confronted Europe in the pre-colonial era and to have dominated the encounter for long stretches.

⁷⁸ Because there is no real line between self and Other, an imaginary line must be drawn; and so that an illusion of an absolute difference between self and Other is never troubled, this line is as dynamic in its ability to alter itself as is the self.

que transformou o Mundo Árabe em sinônimo de Oriente, “uma invenção europeia” (SAID, 2007 ; p.27).

O Oriente não é apenas adjacente à Europa; é também o lugar das maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte de suas civilizações e línguas, seu rival cultural e uma de suas imagens mais profundas e mais recorrentes do Outro. Além disso, o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente) com sua imagem, ideia, personalidade, experiência contrastantes (SAID, 2007; p.28).

A combinação de fatores históricos e geográficos que ligam o Mundo Árabe à Europa, tem fundamental importância na necessidade europeia de tornar os países árabes e suas respectivas culturas, antagonistas, diferentes e, principalmente, exóticas para a concepção eurocêntrica de mundo. Esse distanciamento artificial dispensou, muitas vezes, maiores justificativas para as potências ocidentais intervirem no Mundo Árabe visando o domínio e o lucro baseado no expansionismo.

Com o desenvolvimento do Capitalismo durante o século XIX, esse poder expansionista da Europa culminou na colonização do Mundo Árabe, que submeteu a região, de uma vez por todas, aos interesses externos. Dessa forma, a situação evoluiu ainda mais e a Europa “garantiu o direito de representar os outros – notavelmente o Oriente – e até de julgá-los”⁷⁹ (AMIN, 2009; p.175). Esse foi um dos motivos que fizeram com que a representação do Oriente e de outras partes periféricas do mundo fosse, muitas vezes, voltada para atender aos interesses dos países capitalistas centrais.

Nas últimas décadas, além da Europa e de sua longa história envolvendo o norte da África e o Oriente Médio, o desenvolvimento militar e econômico dos Estados Unidos durante a segunda metade do século XX abriu as portas do Mundo Árabe para mais uma potência ocidental. A relação do governo norte-americano com rebeldes árabes durante a Guerra Fria, o conflito entre Israel e Palestina e, mais recentemente, o terrorismo e suas consequências, fizeram com que o país se tornasse cada vez mais presente, principalmente no Oriente Médio. Como podemos perceber em nossa análise midiática da Primavera Árabe, essa política intervencionista no Oriente Médio se transformou em uma postura cautelosa dos Estados Unidos durante a Primavera Árabe. Isso garantiu a influência do país na metade africana da região, usando métodos menos criticados pela comunidade internacional do que quando os norte-americanos focavam na intervenção militar no Oriente Médio.

⁷⁹ granted itself the right to represent others – notably the Orient – and even to judge that.

3.2 – A Evolução dos Estereótipos Árabes

Exposto o contexto histórico e os fatores decisivos que influenciaram a relação entre o Ocidente e o Mundo Árabe, uma análise da evolução dos estereótipos atribuídos aos árabes também se faz necessária, já que esses estereótipos fazem parte do senso comum ocidental tão comentado na análise das reportagens do segundo capítulo. Entender como eles evoluíram pode nos ajudar a compreender a importância dos correspondentes internacionais e enviados especiais, que, na maioria das vezes, humanizam as reportagens, fugindo desses clichês.

Desde o século XIX, até meados do século XX, os árabes eram figuras inofensivas no Ocidente, que andavam em cima de camelos, usavam turbantes e viviam em um mundo exótico e distante. Eram símbolos da “incompetência e da fácil derrota” (SAID, 2007; p.381), estereótipo que reduzia aquelas sociedades à insignificância, o que ajudava a justificar a colonização. A realidade é que nesse mesmo período, diversos países do Mundo Árabe viveram um momento de enorme efervescência cultural, resultado da urbanização tardia e do desenvolvimento tecnológico e intelectual que deixavam de ser exclusividade da Europa. Enquanto o Ocidente reduzia o Oriente a um local distante e exótico, nos grandes centros urbanos do Oriente Médio, como Beirute, Damasco e Cairo, essa época de modernização, batizada de “Al-Nahda”, ou “Renascimento”, teve importantes consequências, permitindo que:

[...] a cultura árabe se reconstruísse com base na descoberta do Outro, no Outro Europeu. [...] Bem mais que no Japão, onde a modernização se concentrou em reproduzir os avanços técnicos, militares e financeiros da supremacia do Ocidente, o Mundo Árabe, descrito como historicamente fechado atualmente, abraçou todos os debates intelectuais que vinham da Europa (KASSIR, 2006; p.49).

A existência de um período como a Al-Nahda pode causar estranhamento para aqueles que corroboram com o senso comum que define o Mundo Árabe como historicamente fechado. Em alguns artigos analisados, como o da revista *Veja* e o editorial do *Le Monde*, podemos ver com clareza a presença desse senso comum ocidental que questiona se conceitos como democracia e liberdade podem ser compreendidos em países árabes. Dessa forma, a região é considerada hostil a qualquer ideia que não faça parte de sua cultura e resistente a qualquer tipo de mudança ou transformação social. Nossa análise mostrou como esse ponto de vista ainda continua sendo difundido por diversos meios de comunicação ocidentais, tornando difícil o reconhecimento da possibilidade dos países da região passarem por

mudanças tão drásticas como as que resultam de uma revolução democrática. Por outro lado, a surpresa causada pela Primavera Árabe fez muitos jornalistas questionarem essas préconcepções, como no editorial de *O Globo*, que faz um apelo para que o público tente questionar seus preconceitos sobre o Mundo Árabe após a queda de Mubarak.

Enquanto o Ocidente ignorava a Al-Nahda e suas consequências, é claro que esse movimento de modernização suscitou resistências no próprio Mundo Árabe, como a criação da Irmandade Muçulmana no Egito, em 1928 : “a fundação da Irmandade Muçulmana por Hassa Al-Banna, um jovem enojado pelas mudanças na vida no Egito [...] foi a primeira afirmação do Islã político no século XX, mas um longo tempo se passou até esse ser o pensamento dominante”⁸⁰ (KASSIR, 2006; p.56). Em nossa análise, o artigo de Oliver Roy no *Le Monde* atualiza o papel da Irmandade Muçulmana, revelando como o fim do seu monopólio sobre discurso religioso acabou a enfraquecendo e a tornando um possível ator na democracia que nascia no Egito.

A gradual alteração dos estereótipos sobre os árabes, nos leva a um período mais atual da história do Mundo Árabe, quando ele deixa de ser ignorado e subjugado pelo Ocidente, se transformando em uma área de extrema tensão. Essa alteração se deu principalmente após a Segunda Guerra Mundial, com as independências dos Estados árabes, que devolveram uma considerável autonomia política e militar à região. A formação da Liga Árabe em 1945, com o intuito de aumentar a cooperação entre esses Estados, possibilitou a formação de uma união para ajudar os Estados da região que ainda lutavam contra o domínio europeu, como o Líbano. Além disso, essa união apoiou a Palestina durante o processo de formação do Estado de Israel, uma das principais resoluções ocidentais após o Holocausto:

Assim, quando o árabe chega a atrair a atenção, ele o faz com uma valor negativo. É visto como o que desbarata a existência de Israel e do Ocidente ou, numa outra visão da mesma coisa, como um obstáculo superável à criação de Israel em 1948 [...] o que temos agora é um herói judaico, construído a partir de um culto reconstruído do orientalista-aventureiro-pioneiro (Burton, Lane, Renan), e sua sombra rastejante, misteriosamente temível, o oriental árabe (SAID, 2007; p.382).

Com o passar dos anos, os conflitos que sucederam esse movimento de emancipação e de relativa afirmação de uma cooperação árabe que ia de encontro a diversos interesses

⁸⁰ founding of the Muslim Brotherhood by Hassa al-Banna, a young man disgusted by the changes in Egyptian life [...] was the first statement of political Islam in the twentieth century, but it would nonetheless be a long time before that became the dominant ideology.

ocidentais, culminou na Guerra do Yom Kippur⁸¹, em 1973. Para agravar a situação, as represálias sofridas pelo Ocidente por causa da manipulação da exportação petrolífera de alguns países da região, atingiram em cheio a economia mundial nos anos seguintes. Isso fez com que o Ocidente começasse a se questionar “por que povos como os árabes têm o direito de manter o mundo desenvolvido (livre, democrático, moral) ameaçado” (SAID, 2007; p.383).

Mesmo com essa alteração de paradigma, é importante ressaltar que a Al Nahda, ou seja, o desenvolvimento de pensamentos modernos no Mundo Árabe, não se findou nas primeiras décadas do século XX. Um bom exemplo disso é o fato do continuo aumento da liberdade das mulheres da região, comparável com a evolução dos direitos das mulheres na Europa, segundo o jornalista libanês Samir Kassir:

Não usar o véu era uma decisão individual no Egito, [...] isso que formou uma verdadeira revolução que se espalhou gradualmente para outros países até o ponto em que o véu havia se tornado bem raro nos anos 60 [...] É verdade que as mulheres não possuíam a mesma liberdade de aparência no Mundo Árabe e a legislação demorou a evoluir – apesar das mulheres sírias terem conseguido o direito de votar antes das francesas. O conservadorismo social, apesar de enfraquecido, continuou a predominar, mas não era mais presente do que na Espanha de Franco ou na Grécia antes do aumento do turismo⁸² (KASSIR, 2006; p.63).

Além da evolução das liberdades individuais, representadas pela evolução da figura da mulher nas sociedades árabes, pode-se dizer ainda que, mesmo com as complicações política nos países da região, o espírito de modernidade ainda não havia sido esquecido em diversas partes do Mundo Árabe entre os anos 50 e 60 :

Golpes de Estado começaram a aumentar o déficit democrático em diversos países árabes, mas no Cairo, em Bagdá e Damasco – além de Beirute, a zona livre da cultura árabe – o debate intelectual continuou alimentando os círculos literários, que como resultado do alcance da educação moderna, cresciam constantemente.⁸³ (KASSIR, 2006; p.57)

⁸¹ Guerra que envolveu uma coalizão de países árabes liderados por Egito, Síria e Iraque, contra Israel. Na época, os Estados Unidos apoiaram o Estado judeu, enquanto a União Soviética apoiou os países árabes.

⁸² Not wearing the veil was an individual decision in Egypt [...] and this was what made it a real revolution that gradually spread to other countries until the veil had become sufficiently rare in the 1960s. It is true that women didn't have the same freedom of appearance throughout the Arab world and legislation took time to catch up – although Syrian women got the vote before the French. Social conservatism, although systematically pushed back, continued to predominate, but it was generally no more marked than in Franco's Spain or Greece before the tourist boom.

⁸³ Military coups d'état began to exacerbate the democratic deficit in a number of Arab countries, but in Cairo, Baghdad and Damascus – not to mention Beirut, the free zone of Arab culture – intellectual debate remained the daily bread of literary circles that, as a result of the spread of modern education, were constantly growing.

Mas, a partir daí, a proliferação dos regimes ditatoriais na região, a falta de democracia e a Guerra Civil que se instaurou no Líbano, um dos países centrais para o debate e a cultura no Mundo Árabe, enfraqueceram cada vez mais o espírito da Al-Nahda, que acabou perdendo importância para os próprios árabes. Com isso, foram os conflitos armados e opressão política e social, que marcaram a visão predominante do Mundo Árabe pelo senso comum que se consolidou no Ocidente durante as últimas décadas do século XX, tornando o árabe um ser ameaçador, em relação ao Ocidente, e opressor com seus próprio povo. Para completar o cenário negativo, o Mundo Árabe foi novamente alvo de interesse midiático ocidental com “o fenômeno dos ataques suicidas [...] com todos os seus planos horrendos, nenhum mais chocante e apocalíptico do que os acontecimentos do 11 de Setembro e suas consequências” (SAID, 2007; p.13).

Esse contexto nos leva a uma realidade mais próxima dos dias atuais. Os últimos anos foram marcados por mudanças muito grandes na estrutura econômica e, consequentemente, política do mundo, como o fortalecimento dos países considerados “periféricos” em questões internacionais e o protagonismo de nações emergentes, como Brasil, Rússia, Índia e China. Por outro lado, a maioria dos países árabes manteve uma postura de “ressentimento”, o que “resulta de uma humilhação, real ou imaginária, que lhes teria sido infligida pelos países mais ricos e mais poderosos; ela está disseminada, em diversos graus, em uma boa parte dos países cuja população é majoritariamente muçulmana, desde o Marrocos até o Paquistão”. (TODOROV, 2010; p.13)

Para justificar esse “ressentimento”, segundo o jornalista libanês Samir Kassir, os árabes começaram a se considerar vítimas de sua relação com o Ocidente. “O culto à vítima defende que os árabes são principais alvos do Ocidente, ignorando os outros povos do mundo e a história mundial em geral”⁸⁴ (KASSIR, 2006; p.81). Assim, o ressentimento e a auto-vitimização ajudaram a fortalecer o antagonismo entre Oriente e Ocidente, agravando o estereótipo ameaçador do árabe.

Todo esse medo atribuído à figura do árabe deve ser justificado pelo Ocidente. Isso supervaloriza a antiga ideia da guerra santa no discurso ocidental, que acaba considerando, muitas vezes, uma das vertentes mais radicais do Islamismo como padrão em resposta a essa

⁸⁴ The cult of the victim claims that Arabs are the West’s primary target, totally disregarding the other peoples of the world, and world history in general.

atmosfera de medo. Apesar disso, “o Islamismo jihadista está longe de ser o pensamento dominante como é mostrado pela mídia ocidental”⁸⁵ (KASSIR, 2006, p.80). Porém, nos anos que precederam a Primavera Árabe, o sangrento 11 de setembro, as invasões do Afeganistão e do Iraque, somados aos governos ditatoriais que se mantinham no poder há décadas e à falta de expectativas agravaram o ressentimento, fazendo com que a impotência reinasse na região. Ao redescobrirem sua força nas ruas, lutando contra ditadores e, conseqüentemente, pela democracia e pela justiça, os povos árabes deixavam de lado décadas de opressão.

⁸⁵ The jihadist Islam is far from being the dominant ideology it is often portrayed as in the Western media.

4. - Conclusão

Apesar das limitações, a análise midiática feita nesse trabalho, em conjunto com o depoimento de Lamia Oualalou e da contextualização histórica sobre a relação entre Ocidente e o Mundo Árabe, revelou alguns importantes detalhes sobre a cobertura jornalística ocidental na região. O foco inicial no jornalismo francês permitiu averiguar como meios de comunicação com posições ideológicas diferentes fizeram a cobertura da queda de Mubarak, um dos eventos mais importantes da Primavera Árabe. As diferentes reportagens analisadas revelaram que, apesar da linha editorial de cada jornal aparecer fortemente nos respectivos editoriais sobre o evento, o mesmo não pode ser dito sobre a maior parte da cobertura internacional. Nesse caso, podemos definir dois fatores que explicam essa menor influência de posições ideológicas do jornal: a existência de correspondentes e enviados especiais, que possuem muita credibilidade por estarem cobrindo os fatos no local dos acontecimentos, além da maior liberdade com questões internacionais, contanto que elas não interfiram diretamente na política interna.

Outra importante característica, essencial para uma cobertura de qualidade, é a experiência dos jornalistas com as questões que envolvem o Mundo Árabe e seus conhecimentos culturais (incluindo a língua) sobre a realidade que procura relatar. Esses detalhes fizeram reportagens como a do *Libération* sobre a queda de Mubarak, escrita por Claude Guibal, e a do *Le Figaro*, sobre as repercussões do mesmo fato no Irã, escrita por Delphine Minoui, se destacarem dentre os artigos analisados. Além disso, a reportagem do professor Oliver Roy sobre a Irmandade Muçulmana, do *Le Monde*, sublinhou a importância dos especialistas durante eventos complexos como a revolução no Egito, já que sua contribuição para a compreensão de um dos pontos de tensão mais presentes nas coberturas analisadas, o extremismo islâmico, se mostrou essencial.

Além disso, a entrevista com a correspondente do *Le Figaro* no Rio de Janeiro, Lamia Oualalou, foi de extrema importância para a melhor compreensão da dinâmica e da estrutura que envolve uma cobertura jornalística internacional. Em uma próxima oportunidade, seria muito interessante colher mais relatos de jornalistas de outras publicações, permitindo que mais visões e opiniões sobre as questões debatidas no trabalho sejam expostas.

A análise da cobertura jornalística da *Time*, apesar de concisa, foi feita com base em uma reportagem escrita praticamente um ano após o início da Primavera Árabe, quando as manifestações haviam se espalhado pelo mundo. A escolha por uma reportagem bem posterior

a eventos como a queda de Mubarak, se mostrou coerente, já que permitiu averiguar como a revista lidou com o fato da Primavera Árabe ter influenciado uma onda de protestos que já havia chegado aos Estados Unidos na época. Apesar de dar um lugar de vanguarda para as sociedades árabes no relato, a reportagem é muito focada na influência das redes sociais e da globalização nas manifestações. As inovações tecnológicas acabam sendo consideradas novas, e mais eficientes, formas de intervenção dos Estados Unidos no Mundo Árabe. Sendo assim, o protagonismo árabe acaba sendo dividido com os norte-americanos na visão da *Time*.

Finalmente, na pequena análise da mídia brasileira, podemos averiguar, principalmente com a reportagem da revista *Veja*, os perigos de uma cobertura tão importante não receber o devido investimento. Em vez de comentar os fatos que aconteciam no Mundo Árabe, a *Veja* focou em questionar os valores das sociedades árabes e, de maneira muito superficial, passou a mensagem de que uma sociedade que havia acabado de derrubar um ditador era incompatível com ideais como democracia e liberdade. A reportagem, escrita por um jornalista que não possuía nenhuma experiência com o tema e que não foi enviado ao local dos acontecimentos, se limitou a repetir clichês, e pode ser considerada a única amostra midiática analisada que deu uma visão totalmente negativa dos eventos. Em uma próxima análise que envolva jornalismo internacional e a revista *Veja*, se faz necessário um estudo mais aprofundado sobre a estrutura do jornalismo internacional da revista, para explicar o motivo de uma cobertura tão unilateral e deficiente na cobertura da Primavera Árabe.

Ao completarmos a análise com os teóricos que debateram as relações entre o Ocidente e o Mundo Árabe, podemos perceber a complexidade dessa relação, envolta em estereótipos e conflitos que se desenvolvem e se alteram ao longo do tempo. Com a Primavera Árabe, essa relação pode ter iniciado uma nova etapa e o investimento em enviados especiais, correspondentes internacionais e especialistas pode fazer com que o jornalismo ajude a quebrar paradigmas que distanciam os povos árabes de valores como democracia e liberdade. Por outro lado, as dificuldades sofridas por diversos meios de comunicação, como o *Libération*, dificultam esses investimentos, podendo tornar as coberturas jornalísticas internacionais cada vez mais superficiais e pontuais.

Referências Bibliográficas

- AMIN, Samir. **Eurocentrism**. Nova York: Monthly Review Press, 2009.
- AYARI, Michaël; GEISSER, Vincent. **Renaissances Arabes**: 7 questions clés sur des révolutions en marche. Paris: Les Éditions de l'Atelier/Éditions Ouvrières, 2011.
- FOUCAULT, Michael. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GILMAN, Sander L. **Difference and Pathology**: Stereotypes of Sexuality, Race and Madness. Ithaca: Cornell University Press, 1985.
- GREENBLATT, Stephen. **Possessões Maravilhosas**: o deslumbramento do Novo Mundo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- GUIDÈRE, Mathieu. **Le Choc des Révolutions Arabes**. Paris: Éditions Autrement, 2011.
- KASSIR, Samir. **Being Arab**. Londres: Verso, 2006.
- OUALALOU, Lamia. Rio de Janeiro, 06 jun.2013. Entrevista a Diego Gebara.
- SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- TODOROV, Tzvetan. **O Medo dos Bárbaros**: Para além do choque de civilizações. São Paulo: Editora Vozes, 2010.

Periódicos

- LESNES, Corine. Barack Obama célèbre une victoire de la non-violence en Egypte . **Le Monde**, 12 de fevereiro de 2011. Disponível em: < http://www.lemonde.fr/proche-orient/article/2011/02/12/barack-obama-celebre-une-victoire-de-la-non-violence-en-egypte_1479028_3218.html > Acesso em: 15 de junho de 2013.
- PARIS, Gilles. Le Conseil militaire suprême, l'acteur central d'une période délicate. **Le Monde**, 12 de fevereiro de 2011. Disponível em: < http://www.lemonde.fr/proche-orient/article/2011/02/12/le-conseil-militaire-supreme-l-acteur-central-d-une-periode-delicate_1479024_3218.html > Acesso em: 15 de junho de 2013.
- ROY, Olivier. Révolution post-islamiste. **Le Monde**, 12 de fevereiro de 2011. Disponível em: < http://www.lemonde.fr/idees/article/2011/02/12/revolution-post-islamiste_1478858_3232.html > Acesso em: 15 de junho de 2013.
- ZECHINNI, Laurent. Israël se dit rassuré par la présence de l'armée égyptienne au pouvoir. **Le Monde**, 12 de fevereiro de 2011. Disponível em: < [http://www.lemonde.fr/proche-](http://www.lemonde.fr/proche-orient/article/2011/02/12/israel-se-dit-rassure-par-la-presence-de-l-armee-egyptienne-au-pouvoir_1478858_3232.html)

orient/article/2011/02/12/israel-se-dit-rassure-par-la-presence-de-l-armee-egyptienne-au-pouvoir_1479029_3218.html > Acesso em: 15 de junho de 2013.

GUIBAL, Claude; DESPIC-POPOVIC, Hélène. Le peuple a gagné, Moubarak s'en va. **Libération**, 12 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.liberation.fr/monde/01012319574-le-peuple-a-gagne-moubarak-s-en-va> > Acesso em: 15 de junho de 2013.

JOFFRIN, Laurent. Éditorial. **Libération**, 12 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.liberation.fr/monde/01012319576-liberation>> Acesso em: 15 de junho de 2013.

ROVAN, Anne. Fillon rend hommage à Moubarak. **Le Figaro**, 12 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.lefigaro.fr/flash-actu/2011/02/12/97001-20110212FILWWW00383-fillon-nouvelle-page-en-egypte.php>> Acesso em: 15 de junho de 2013.

MANDEVILLE, Laure. Égypte: un tournant pour le jeu américain dans la région. **Le Figaro**, 11 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.lefigaro.fr/international/2011/02/11/01003-20110211ARTFIG00772-egypte-un-tournant-pour-le-jeu-americain-dans-la-region.php>> Acesso em: 15 de junho de 2013.

MINOUI, Delphine. L'Iran salue la révolte du Nil et muselle ses dissidents. **Le Figaro**, 11 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.lefigaro.fr/international/2011/02/11/01003-20110211ARTFIG00764-l-iran-salue-la-revolte-du-nil-et-muselle-ses-dissidents.php>> Acesso em: 15 de junho de 2013.

PRIER, Pierre. La chute du raïs fêtée dans tout le monde arabe. **Le Figaro**, 11 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.lefigaro.fr/international/2011/02/11/01003-20110211ARTFIG00724-la-chute-du-rais-fetee-dans-tout-le-monde-arabe.php>> Acesso em: 15 de junho de 2013.

ANDERSEN, Kurt. Person of the Year 2011: The Protester. **Time**, 14 de dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2101745_2102132,00.html> Acesso em: 15 de junho de 2013.

STENGEL, Rick. Person of the Year Introduction. **Time**, 14 de dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2101745_2102139,00.html> Acesso em: 15 de junho de 2013.

YOUNG, Pandora. Shepard Fairey's TIME Magazine Cover Features Occupy LA Protester. **Media Bistro**, 14 de dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.mediabistro.com/fishbowl/shpard-fairey-time-magazine-cover-features-occupy-la-protester_b48052> Acesso em: 15 de junho de 2013.

SCHELP, DIOGO. A Espada se Impôs à Praça. **Veja**, 16 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://resumoulisses.blogspot.com.br/2011/03/espada-se-impos-praca.html> > Acesso em: 15 de junho de 2013.

When freedom stumbles. **The Economist**, 17 de junho de 2008. Disponível em: <<http://www.economist.com/node/10534384>> Acesso em: 15 de junho de 2013.

L'espoir qui vient de naître sur les bords du Nil. **Le Monde**, 12 de fevereiro de 2011. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/proche-orient/article/2011/02/12/l-espoir-qui-vient-de-naitre-sur-les-bords-du-nil_1479008_3218.html> Acesso em: 15 de junho de 2013.

Anexo

Entrevista com Lamia Oualalou, correspondente internacional do jornal Le Figaro no Rio de Janeiro, realizada no dia 6 de junho de 2013.

Diego: Como é feita a escolha dos correspondentes internacionais dos grandes jornais franceses?

Lamia: Tem o correspondente funcionário do jornal e isso agora tem muito poucos. Figaro deve ter menos de dez, Estados Unidos, Londres, Moscou, Pequim, Berlim, Bruxelas, tinham em Delhi e fecharam. Tem nos grandes países mas no resto foi fechando, eles tem um status diferente dos outros, eles pagam tudo, aluguel, escola das crianças, e ficou muito caro. E tem todos os outros, como eu, você que se manda, os que são enviados em geral já fizeram parte do serviço internacional, às vezes em Bruxelas tem pessoas de Economia, mas os outros não. Tem alguns com um status intermediário que ficam no Vaticano, em Roma, que são fixos mas são freelancers. Para entrar no grupo de cima é muito difícil porque é um grupo que não se abre, é uma vida muito legal, tudo é pago. Você tem dez pessoas que fazem tudo, é muito difícil de entrar porque eles só saem quando chega a idade da aposentadoria.

Diego: Essas dificuldades tem a ver com a crise do jornalismo impresso, concorrência da Internet, o Le Monde mesmo estava com dificuldades em 2010...

Lamia: Eles mesmos estão entrando na Internet, não dá mais pra ver a Internet como concorrência porque eles também são atores. Tem crise econômica, que é um aspecto muito grave hoje que faz com que toda propaganda seja veiculada, distribuição nunca foi uma fonte de renda. A propaganda caiu muito, tem planos de demissão voluntária, ainda mais Libération que está numa situação bem problemática. Libération ninguém mais lê, é triste. E tem nos jornais uma grande crise de identidade dos que entraram pela Internet que ganham pouco, são muito rápidos, mas não sabem o que é jornalismo, porque não tiveram a oportunidade de ir no terreno. Agora esses dois jornais Le Monde e Le Figaro tem mais tradição de enviado especial e não de correspondente. Nesses dois grandes isso é feito, eles decidem o que é relevante e o que não é. Tem esse problema de que, com a crise, as páginas internacionais encolheram, em dois aspectos, de maneira geral, você tinha seis, sete, páginas, agora tem duas, três, páginas e a crise europeia teve como impacto que, de repente, voltaram a olhar mais para a Europa. Eu, por exemplo, era enviada especial da América Latina, fazia matéria sobre pobreza na Bolívia. Hoje, o que é pobreza na Bolívia? Tem Grécia! Então, eles não querem mais saber de Bolívia porque descobriram que ficaram cegos durante anos sobre a própria Europa, o que tira espaço do resto do mundo. Antes você tinha uma página sobre a Europa, meio institucional, hoje você tem reportagens sobre a Europa. Hoje você tem foco sobre Oriente Médio, África francófona e Europa. Ainda tem dinheiro, ainda é muito fácil, eu, por exemplo, cobri uma quantidade de coisas na América Latina, incríveis, todas as eleições... Tem ainda dinheiro pra isso, agora esses lugares como Oriente Médio tem muito mais.

Diego: Em relação a abordagem, o Le Monde você já espera que seja mais de esquerda, o Figaro à direita...

Lamia: Vou te parar já. No internacional isso não é verdade, não existe. Isso é uma visão, de fato eu, por exemplo, que fiz cobertura sobre América Latina durante anos, fazia as matérias muito à esquerda e todo mundo ria. Tem uma grande confiança no jornalista, é muito raro a direção opinar sobre isso, eles respeitam muito o fato de você estar no lugar. Até hoje, o chefe do jornal é bem conservador, ligado à Igreja, e eu faço matérias sobre a Teologia da Libertação e está tudo bem, ninguém vai dizer “não, queremos falar mais de Opus Dei”, não é assim. Essa coisa muito ideológica entra muito na economia e na política francesa e nesses temas tipo policiais, jovens no subúrbio.

Diego: Que acabam virando bandeiras da esquerda... como o casamento igualitário esse ano...

Lamia: Nisso o Figaro nunca seria a favor porque é conservador. Mas nisso o presidente gastou todo o capital político e muita gente se revoltou porque tem muita gente desempregada. Eu, simbolicamente, sou a favor, mas você tem jovens sem trabalho, e você bota uma prioridade que é a adoção por esses casais, que é ótimo, mas você não gasta todo seu capital político. A imprensa entrou muito dura contra isso porque virou esquerda contra direita, contra o presidente, quando você vê essa reação, não quer dizer que a França é homofóbica, muitas pessoas ficariam em casa, não iam protestar, mas protestam por causa do governo. Mas voltando, não pode-se afirmar que o enviado do Le Monde vai ter uma visão obrigatoriamente diferente do enviado do Le Figaro.

Diego: Quanto as editoriais dos jornais no dia seguinte à queda de Mubarak. Libération festeja otimista, Le Figaro é mais cauteloso, com certeza foram aprovados pela direção dos jornais...

Lamia: A gestão não é tão boa assim, muitas vezes ninguém aprova. O editorial representa uma pessoa, acaba sendo a linha editorial porque o cara sabe que é a linha editorial, mas não significa que tem um pensamento muito profundo atrás. Por exemplo, essa nova chefe do Le Monde, ela sabe muito de Rússia, mas sobre Mundo Árabe não sabe nada. Você vai ter uma grande diferença de tom dependendo dos interesses pessoais deles. Não tem cinco pessoas só para o editorial. No Figaro tem umas quatro, mas cada um faz de um tipo. O cara que faz internacional sabe muito de China, quando fala de Mundo Árabe vai falar muito superficialmente. De repente, quando se fala de intervenção é diferente, claro que eles conversam com pessoas do governo, sentem se o grande chefe do jornal, tem uma reunião. A partir disso vai escrever e nesse caso quando tem uma politização interna, começa a ter uma cor mais partidária, por exemplo: intervenção sim ou não. O Sarkozy foi muito rápido para dizer que queria intervir na Líbia e nessa época escreveram: “que legal, que grande homem”. Sarkozy era um “grande homem”, era antes da eleição e agora que Hollande decidiu intervir no Mali, não li, mas quem sabe não está escrito “quem sabe ele não deveria ter pensado antes, será que isso foi certo?”.

Diego: Já o Libération...

Lamia: Libération sofre por uma questão geracional, é um jornal mais jovem, sofreu mais com a competição com a Internet e teve problemas de gestão. E, depois, não tem mais dinheiro, então a América Latina não é mais coberta, é caro mandar alguém, não tem mais enviados especiais, tem mais prestígio do que é lido. É caro cada missão, sobretudo avião.

Diego: Sobre os artigos do Le Monde no dia depois da queda do Mubarak, eles tinham posições ideológicas bem variadas. Seria uma tentativa de abranger um público maior?

Lamia: Se o Le Monde tiver essa vontade de abranger o público, não passaria pelo Internacional, isso passa mais sobre os artigos do dia-a-dia, você decide se um jornal é de direita ou é esquerda não pela cobertura Internacional do jornal, primeiro porque esses conceitos não são muito claros e, por exemplo, o Le Figaro foi o único que conseguiu publicar uma entrevista com Hugo Chávez. Muitas pessoas protestavam, mas não pararam de comprar o jornal.

Diego: Então, quais são, se existirem, os aspectos decisivos na cobertura Internacional dos jornais. São econômicos, estruturais. Existiu diferença no caso da Primavera Árabe?

Lamia: O Ocidente não tinha uma visão muito clara do que queria, de repente talvez os jornais falariam que tinham que ter uma visão do Ocidente até o final, mas quem decidiu foram os Estados Unidos, os Europeus ficaram mais perdidos. Os Estados Unidos que decidiram que era melhor apostar nesses muçulmanos mais moderados. Não foi muito claro. Acho que são mais elementos de políticas internas, por exemplo, rapidamente se descobriu que a Ministra do Interior da França tinha viajado em um avião emprestado pelo Ben Ali. Então o Figaro que era mais ligado com o governo da época ficou sem saber o que fazer, não estava do lado do ditador, mas esses fatos podiam prejudicar o governo. Então são mais esses elementos que mudam a cobertura, não a situação social, que é muito diferente. Agora, se forem revoltas no subúrbio de São Francisco, talvez eles questionem e façam essa relação mais social com a realidade francesa. O francês não compara a vida dele com a de um siriano porque não faz sentido nenhum, compara com um americano, com um inglês. Quando tem protestos nas universidades eles questionam o ensino francês, a diferença entre o privado e o público, porque é comparável, não é comparável com o Egito, um país que não é livre, com um país que, mesmo com problemas, é livre, não dá pra comparar. A maioria das pessoas estava a favor dos manifestantes, ninguém vai falar que ditador é bom, a maior preocupação é com Israel, porque de fato a posição dos governos é bem mais tensa. Mas Palestina e Israel são um ponto de tensão bem maior, no mundo inteiro, que não é direita e esquerda, você tem uma parte da direita quase antissemita, que é contra Israel, por uma péssima razão, e você vai ter sionistas de esquerda. Mas o impacto da Primavera Árabe foi diferente, é muito mais na política interna, ou seja, no pessoal do Sarkozy, porque o Figaro, essa época, estava muito às ordens do Sarkozy. Era uma coisa muito chocante, você via, não necessariamente nas matérias, mas capas e nos editoriais. Isso provocou uma rebelião dos jornalistas, porque era demais, era “Sarkozy é inteligente, Sarkozy é bonito”, ninguém acreditava e acabava sendo contraprodutivo, porque pessoas de direita também não queriam ler aquilo.

Diego: Você acha que muitas pessoas na França comprem o jornal pensando no que querem ler?

Lamia: Sim, claro. A editoria Internacional não vai ser um divisor de águas, mas sobre outros temas vai ser um ponto de vista conservador, se for o Figaro. Não necessariamente nas matérias, mas na capa e no editorial, a direção entra de maneira forte, onde eles podem questionar as informações da matéria sob um ponto de vista conservador. Quando eu fiz uma matéria sobre o Hugo Chávez, eles falaram no editorial sobre as coisas boas sobre a Venezuela que eu falei na matéria, mas também apontavam para outras coisas que a matéria

não tratava, como a tensão entre Venezuela e Estados Unidos e como isso não é bom. Eles tentam equilibrar, mas não mexem em cobertura.

Diego: E sobre a mídia brasileira, você mora aqui há seis anos, o que acha dela?

Lamia: Hoje eu fiz uma matéria sobre índios e na mídia brasileira você não entende nada. Não entende o ponto de partida sobre o que é a batalha judicial. Tem muito grandes jornalistas, mas tem muitos que não se aprofundam. A maioria das matérias brasileiras não dá opinião, não conclui nada, só mostra pontos de vista. A frase sempre começa “Já Fulano acha que...”, não entendo o que esse “já” significa. Fazem a entrevista mas não sentam para pensar. Mas também tem muito pressão, horários absurdos.

Diego: A estrutura mais uma vez se mostra importante...

Lamia: A estrutura é muito importante, porque se o Figaro ou o Le Monde mandarem um cara por três semanas, é claro que a cobertura dele vai ser melhor do que a do cara que fez três chamadas telefônicas ou ficou três dias com o ministro. Isso faz toda a diferença. Claro que hoje o dinheiro faz muita diferença, o dinheiro, o tempo e o fato de dizer pro jornalista “não, manda a matéria amanhã, manda daqui a uns dias, mas vai lá e encontra as pessoas”.

Diego: Também tem a questão de individualizar as pessoas, no caso da Primavera Árabe muitas vezes essa pouca estrutura pode ter ajudado a cobertura a considerar a massa de pessoas que ocupou a Praça Tahrir como uma coisa só, sem individualizá-la.

Lamia: Aí tem o problema de quem fala árabe e quem não fala árabe. Porque tem poucos que falam árabe nos enviados. Se você depende de um tradutor, como é o caso de muitos deles, você não lê jornal, você não entende o que as pessoas gritam na rua, não pode assistir televisão, não entende as canções, podem traduzir mas não pode traduzir tudo, a vida. Por anos o Le Monde teve uma mulher chamada Muna Naim e por anos o Le Monde teve uma grande superioridade sobre o Figaro, porque ela é uma libanesa e foi a chefe da editoria de Oriente Médio durante dez, quinze anos. Durante todo esse tempo o Figaro não tinha ninguém que falava o idioma. Nesse mesmo momento tínhamos uma mulher chamada Delphine Minoui, que era correspondente em Teerã e fala farsi e acho que a cobertura do Irã do Figaro era melhor que a do Le Monde. Isso faz uma enorme diferença, o fato de falar o idioma. Durante muito tempo, por uma visão quase colonial, os franceses não fizeram esse esforço.

Diego: Edward Said fala reiteradamente sobre como é paradoxal uma pessoa se dedicar ao estudo do Oriente sem falar árabe...

Lamia: Isso é um elemento muito importante. Você vai no Líbano e fala só francês ou inglês e não tem acesso ao Hezbollah, aos salafistas. Você pode ter um guia que vai te levar, passar uma tarde com eles, mas já teve a escolha do cara, não é você caminhando na rua, tomando contato sozinho, o cara pode te levar pra falar com o primo dele que não representa nada. Isso vai dar uma cobertura muito mais maronita do Líbano, uma visão muito mais negativa do Hezbollah, mais por ignorância total, porque você não vai ter acesso aos quadros do Hezbollah, porque eles não falam inglês ou francês e, mesmo quando falam, se recusam. E aí, você não vai perceber o que está acontecendo na maior parte do país, é um grande problema. Isso faz uma grande diferença na cobertura, faz parte da estrutura. Mas isso está mudando, hoje em dia eles querem pessoas que falam as línguas dos lugares onde acontecem eventos

importantes. Quando eu entrei no jornal queria cobrir o Mundo Árabe, pois sou marroquina, falo árabe, mas eles não deixaram. Depois do 11 de setembro, eles se tocaram, porque, por exemplo, chegava fax em árabe no jornal e, aí, eles pediram para eu voltar e cobrir de Paris, mas eu não quis porque já estava na América Latina. Enfim, isso mudou, sobretudo na televisão, as pessoas que assinam as matérias sobre Mundo Árabe têm nomes árabes. São franceses, mas descendentes de árabes, talvez não saibam falar árabe, mas tem um acesso à cultura. Na televisão isso é mais importante por causa do tempo, uma hora perdida é muito grave, se for necessário um tradutor muda toda a situação. E ainda tem pessoas que eram enviados ou correspondentes no Mundo Árabe e sofrem sequestro exercendo a profissão e são empregados porque não podem voltar. Existe uma cobertura maior por causa dessas pessoas que são empregadas para cobrir o Oriente Médio. Hoje em dia, tem três pessoas no Figaro em Paris, um que foi refém, uma que foi ferida na Síria e um que estava antes. Isso além dos correspondentes de Jerusalém e do Cairo.

Diego: É de praxe empregar essas pessoas?

Lamia: Sim, porque é a responsabilidade do jornal, tomaram os riscos, pega mal. Os reféns ficam na mídia, tem uma negociação enorme, é difícil, esses jornalistas se deram mal. Nisso eles são legais, eles ainda têm poder, apesar de não ser tão importante o internacional, ainda é uma coisa de prestígio. Basicamente, o leitor pode até não ler as páginas internacionais, mas se elas não estiverem lá ele vai pensar: “o que está acontecendo com meu jornal?”. Talvez ele não vá ler, mas continua a ser importante. Seja no Figaro ou no Le Monde, há anos atrás essas eram as páginas mais importantes, hoje em dia não são mais. Mas, ainda não dá para não ter nada, se começar a pipocar alguma coisa eles têm alguém no local, pega mal se eles não publicarem.

Diego: Em relação as capas do dia da queda de Mubarak... Libération com uma grande foto como sempre...

Lamia: Libération é sempre capa inteira. A filosofia do Le Monde é a do *honnête homme*, o cara sempre bem informado, que sabe alguma coisa sobre tudo. A filosofia do Libération é a do “homem com compromisso”, ou seja, eles decidem o que é mais importante para você, hoje. Tomam uma posição que nunca é a do Le Monde ou a do Le Figaro, onde a capa dá uma visão geral. Para o Libération, eles decidem que hoje o mais importante é... a morte do Mastroianni, que foi uma capa muito bonita, eles decidem que é a informação principal, a capa vai ser dele. Não é uma coisa de esquerda ou de direita, mas de filosofia da informação que sempre foi diferente.

Diego: O público de cada um varia, principalmente quando compara-se as faixas etárias.

Lamia: É uma coisa esquisita, as pessoas chegam numa certa idade e começam a comprar o Le Figaro. Mas isso acaba sendo muito bom para publicidade, um cara mais velho é mais interessante, o cara de 50 anos, que tem o salário mais alto, é um alvo mais interessante da publicidade. O jovem não tem dinheiro, não é muito interessante.

Diego: Já o Le Monde é mais equilibrado...

Lamia: O Le Monde é mais institucional. No Ministério das Relações Exteriores da França todos leem o Le Monde, é uma tradição. Também tem a diferença de horário, como o Le Monde sai na hora do almoço em Paris, muitos o comentam na hora do almoço.

Diego: Alguma última consideração sobre a Primavera Árabe?

Lamia: A cobertura da Primavera Árabe é muito importante na França, são todos ex-colônias, a França teve um papel muito importante, a cobertura vai ser muito mais interessante que a brasileira, por exemplo. Nesses três jornais tem pelo menos uma pessoa que cuida no Oriente Médio, isso é importante.